

2005



Universidade Federal de Rondônia

Núcleo de Ciências Humanas – Departamento de Línguas Vernáculas  
Grupo de Pesquisa LILIPO – Literaturas de Língua Portuguesa  
Campus de Porto Velho

2017



# Caderno de Resumos do

# 2º COEL

# Colóquio Regional de

# Estudos Literários

5 a 7 de abril de 2017

ISSN 2448-0908

ANO 2. VOLUME 1.

Porto Velho - 2020



Universidade Federal de Rondônia – Campus de Porto Velho – RO.  
BR 364, Km 9,5 - Porto Velho - RO – Brasil -CEP: 78900-000

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Fundação Universidade Federal de Rondônia (UNIR)  
Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca Central da UNIR

---

C719 Colóquio regional de estudos literários (2. : 2017: Porto Velho, RO)

[Anais]... / 2. Colóquio regional de estudos literários; orgs. Pedro Manoel Monteiro ...  
[et al.]. - Porto Velho, RO: [s.n.], 2020.

O Colóquio de Estudos Literários teve a sua realização nos dias 5, 6 e 7 de abril de 2017, no auditório da Universidade Aberta do Brasil (UAB), no Núcleo de Ciências Humanas da UNIR.

ISSN: 2448-0908

1. Estudos literários. 2. Literatura regional amazônica. 3. Filosofia da literatura. 4. Literatura inglesa e colombiana. I. Monteiro, Pedro Manoel. II. COEL. III. Título.

CDU 82-1/-9

## **UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA**

Reitor - Prof. Dr. Ari Miguel Teixeira Ott

### **PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA**

Pró-Reitor - Prof. Dr. Leonardo de Azevedo Calderon

### **PRÓ-REITORIA DE CULTURA, EXTENSÃO E ASSUNTOS ESTUDANTIS**

Pró-Reitor - Profa. Me. Marcele Regina Nogueira Pereira

### **NÚCLEO DE CIÊNCIAS HUMANAS**

Diretor - Prof. Dr. Júlio César Barreto Rocha

### **DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS VERNÁCULAS**

Chefe do Departamento - Profa. Dra. Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina

### **GRUPO DE PESQUISA LILIPO - LITERATURAS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Líder - Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro

Vice-líder - Profa. Dra. Raquel Aparecida Dal Cortivo

www.lilipo.unir.br  
eventos.lilipo@gmail.com  
extensao.lilipo@gmail.com

Os textos dos resumos publicados neste caderno são de exclusiva responsabilidade dos seus autores., sendo coligidos da maneira como foram submetidos ao evento.

Universidade Federal de Rondônia – Campus de Porto Velho – RO.  
BR 364, Km 9,5 - Porto Velho - RO – Brasil -CEP: 78900-000

## **2º COEL – Colóquio Regional de Estudos Literários**

### **Comissão Organizadora:**

Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro - LILIPO - MEL - UNIR - Coordenador Geral

Profa. Dra. Raquel Aparecida Dal Cortivo - LILIPO - UFAM - FAPEAM - USP

Prof. Me. Uryelton de Souza Ferreira - LILIPO - UNIR – Coordenador

Mestranda Eliana Azevedo Sarmiento - LILIPO - MEL - UNIR

Mestranda Lisiane Oliveira e Lima Luiz - LILIPO - MEL - UNIR

Graduanda Julcy Emanuella da Silva - LILIPO - UNIR

Graduanda Keily Martins Francisco - LILIPO - UNIR

Graduanda Laíssa Pereira de Almeida - LILIPO - UNIR

Graduanda Sandra Stephanovichi Bresolin - ILIPO - UNIR

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>5</b>
<b>PROGRAMAÇÃO DO 2º COEL.....</b>	<b>6</b>
<b>ÍNDICE DE AUTORES.....</b>	<b>10</b>
<b>RESUMO DAS COMUNICAÇÕES.....</b>	<b>13</b>
<b>RESUMO DAS PALESTRAS .....</b>	<b>51</b>

## APRESENTAÇÃO

A realização do 2º Colóquio de Estudos Literários representa mais um passo na consolidação das séries de eventos de curta duração, criados, promovidos e coordenados como atividades do Grupo de Pesquisa Literaturas de Língua Portuguesa, da Fundação Universidade Federal de Rondônia.. O COEL assim como os CCLLP – Colóquios de Culturas e Literaturas de Língua Portuguesa eram atividades anuais, com as suas reedições sempre na primeira semana de abril e de outubro, de cada ano, constituindo-se em atividades regionais.

Os colóquios tinham como intuito promover o intercâmbio de conhecimento e de resultados de pesquisas nas áreas dos Estudos Literários, Estudos Comparados e da Crítica Literária, visando, sobretudo, divulgar o estudo acadêmico crítico, comparativo, interdisciplinar dos aspectos culturais de séries literárias distintas, visando promover o contato entre professores e pesquisadores da/na Região Norte, para que pudessem contribuir para o progresso dos estudos realizados no âmbito da Graduação (PIBID, PIBIC), da pós-graduação stricto sensu da UNIR, marcadamente o PPGMEL e o PPGLetras, bem como também tornar-se meio de encontro entre outros programas de pós-graduação da região e dos variados grupos de pesquisa que desenvolvem investigação na área de Cultura, Artes, História, Estudos Literários, Estudos Comparados, Teoria da Literatura e Estudos Pós-coloniais.

A estrutura do COEL é composta de palestras, mesas redondas e minicursos, podendo variar a cada ano, outra peculiaridade dessa proposta de atividade é a gratuidade do evento em todos os seus níveis, pelo fato de ser um evento institucional, a gratuidade implica numa atitude mais ecológica e autossustentada, sem a geração de brindes e acessórios quem em nada impactam a capacidade científica dos congressistas, com essa atitude as energias ficam voltadas para o debate acadêmico em todos os níveis.

O 2º Colóquio de Estudos Literários teve a sua realização nos dias 5, 6 e 7 de abril de 2017, no auditório da Universidade Aberta do Brasil (UAB), no Núcleo de Ciências Humanas da UNIR, na cidade de Porto Velho, estado de Rondônia.

Dado o seu caráter Regional e a ausência de financiamentos o COEL é um evento de sucesso por cumprir a sua proposta e por atingir os seus objetivos plenamente.

Apesar do atraso de quase 3 anos, ainda assim, a perseverança permitiu que esse volume viesse a luz.

### Programação do 2º COEL

Dia: 05/04 – 4ª feira	
08h30	CREENCIAMENTO
09h00	SOLENIDADE DE ABERTURA
	PALESTRAS
09h15	A CIVILIZAÇÃO À BARBÁRIE: ARARIPE JÚNIOR E SILVIO ROMERO, CRÍTICOS D'OS SERTÕES. - PROF. DR. FERNANDO SIMPLÍCIO DOS SANTOS (LILIPO/UNIR) SKANDALA E A FALÁCIA DO MAL MENOR DESDE AUGUSTO MONTERROSO E O "MONÓLOGO DO MAL" - PROF. DR. MARCUS VINICIUS XAVIER DE OLIVEIRA (UNIR)
	<b>1ª SESSÃO: LITERATURAS AFRICANAS - I</b>
10h15	YOLANDA MORAZZO E A EXORTAÇÃO À LUTA CABO-VERDIANA Everton Mateus Moura Castro, Rodrigo Anderson Machado Cavalcante e Wilson Júnior Rodrigues Leal (UFAM)  OPRESSÃO FEMININA EM DUAS CRÔNICAS, DE DINA SALÚSTIO Querla Mota dos Santos (MEL/UNIR)  LÍRICA NEGRA: UMA ANÁLISE DOS POEMAS EMPAREDADO, DE CRUZ E SOUSA E A MINHA DOR, DE NOÊMIA DE SOUSA Adailton Almeida Barros  O SUICÍDIO DA QUINA, DE ONDINA FERREIRA, COMO FUGA DA VERGONHA EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL Lisiane Oliveira e Lima Luiz (MEL/LILIPO) Coordenação: Lisiane Oliveira e Lima Luiz
11h15	<b>2ª SESSÃO: LITERATURAS AFRICANAS - II</b>
	O SILENCIAMENTO DAS MULHERES NEGRAS: GRITOS QUE ECOAM NAS OBRAS DE ANA PAULA TAVARES, ELISA LUCINDA E ELLEN OLÉRIA Laíssa Pereira de Almeida (PIBIC/LILIPO)  A VOZ DA MULHER NEGRA E SUAS MEMÓRIAS: UMA LEITURA DO POEMA VOZES - MULHERES, DE CONCEIÇÃO EVARISTO Julcy Emanuella da Silva (PIBIC/LILIPO)  EMPODERAMENTO OU ANONIMATO DA MULHER: AS DORES DA LIBERDADE ADIADA, UMA LEITURA DE DINA SALÚSTIO Sandra Stephanovich Bresolin (PIBIC/LILIPO)  A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA A BRASILEIRA DE PRAZINS Maurício Neves Santos e Monique Santos Pereira (UNIR) Coordenação: Uryelton de Sousa Ferreira (UNIR)
Dia: 06/04 – 5ª Feira	
	<b>3ª SESSÃO: LITERATURA REGIONAL AMAZÔNICA - I</b>
08h00	O PROCESSO DE TRANSCULTURAÇÃO EM RELATO DE UM CERTO ORIENTE DE MILTON HATOUM Bruna Wagner, Everton Mateus Moura Castro e Rodrigo Anderson Machado Cavalcante (UFAM)  O OLHAR COLONIZADOR EM A DECANA DOS MURAS, ALBERTO RANGEL Rodrigo Anderson Machado Cavalcante, Everton Mateus Moura Castro e Bruna Wagner (UFAM)  A LITERATURA NEGRA COMO MATERIALIDADE SIGNIFICANTE NO DISCURSO DE MATIAS MENDES NA OBRA MUSA NEGRA Carlos Barroso de Oliveira Júnior e Cristiane Marina Teixeira Girard  A MULHER E O CELIBATO NO NATURALISMO AMAZÔNICO: INGLÊS DE SOUSA E A OBRA O MISSIONÁRIO Fabiana Barros Cameiro e Joana da Silva (UFAM) Coordenação: Bruna Wagner
	<b>4ª SESSÃO: LITERATURA REGIONAL AMAZÔNICA - II</b>
09h00	UMA ANÁLISE NA CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS FEMININOS NO ROMANCE TRÊS CASAS E UM RIO, DE DALCÍDIO JURANDIR Fabielle Stefâni Souza Costa e Leoniza Saraiva Santana (UFAM)  AMAZÔNIA BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOBERANIA DO TERRITÓRIO Joama Diniz  ANÁLISE DA OBRA REGIONALISTA DE MÁRCIO SOUZA, DESORDEM. Nájila Isabelle Aquino Silva (UFAM)  "REVOLTA DA CABANAGEM" NO ROMANCE LEALDADE, DE MÁRCIO SOUZA Nájila Isabelle Aquino Silva (UFAM)  LINGUAGEM POÉTICA NA OBRA LAVOURA ARCAICA, DE RADUAN NASSAR Laura Campos de Oliveira e Mess Lane Araújo de Souza (UFAM) Coordenação: Raquel Dal Cortivo

10h15	<p align="center"><b>5ª SESSÃO: ÉTICA, ESTÉTICA E FILOSOFIA DA LITERATURA - I</b></p> <p><b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PESSIMISMO E O NILISMO EM A MÃO E A LUVA, DE MACHADO DE ASSIS</b> Debora Priscila Arevalo Gutierrez (UNIR)</p> <p><b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O NILISMO EM HELENA, DE MACHADO DE ASSIS</b> Laureane Antunes dos Santos (UNIR)</p> <p><b>CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O NILISMO EM IAIÁ GARCIA, DE MACHADO DE ASSIS</b> Lucineia Ferreira dos Santos (UNIR) Coordenação: Vitor Ceí (UNIR)</p>
11h00	<p align="center"><b>CONFERENCIAS:</b></p> <p><b>DE QUE TRATA O FIM DA ARTE? CONFERENCISTA: PROFA. MSC. REGINA SANCHES XAVIER (UNIR)</b> <b>ENTRE VOOS, ZINCOS E SEREIAS: MARCAS DA COMPOSIÇÃO POÉTICA DE MIA COUTO. PROFA. DRA FÁTIMA MOLINA (LILIPO/UNIR)</b> Mediador: Prof. Dr. Fernando Simplício dos Santos (LILIPO)</p>
Dia: 07/04 – 6ª Feira	
08h00	<p align="center"><b>6ª SESSÃO: ÉTICA, ESTÉTICA E FILOSOFIA DA LITERATURA - II</b></p> <p><b>O ENGAJAMENTO EXISTENCIAL DAS PERSONAGENS D'O CONTO DA ILHA DESCONHECIDA: DIÁLOGOS ENTRE JOSÉ SARAMAGO E JEAN-PAUL SARTRE</b> Ana Yanca da Costa Maciel (UNIR)</p> <p><b>"FOI ASSIM QUE ELE MATOU AQUELA-COM-QUEM-ELE-BRINCAVA-SEMPRE": UMA ANÁLISE DA TRANSGRESSÃO MORAL DA PERSONAGEM FEMININA EM UMA NARRATIVA PAITER SURUÍ</b> Luana Jessica Gomes Pagung (MEL/UNIR)</p> <p><b>RELATO DE UM CERTO ORIENTE: MEMÓRIA, LINGUAGEM E IDENTIDADE</b> Pedro Henrique Rocha Vilarim (MEL/UNIR)</p> <p><b>A ESTRANHEZA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NOS CONTOS DE MURILO RUBIÃO</b> Laura Campos de Oliveira e Mess Lane Araújo de Souza (UFAM) Coordenação: Vitor Ceí (UNIR)</p>
09h00	<p align="center"><b>7ª SESSÃO: LITERATURA BRASILEIRA</b></p> <p><b>A PÓS-MODERNIDADE E A LITERATURA ELETRÔNICA NA SOCIEDADE DE CONTROLE: DESAFIOS E CONFLUÊNCIAS</b> José Flávio da Paz (UNIR)</p> <p><b>UMA LEITURA SOBRE A NEGAÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA NA OBRA E AGORA?, DE ODETTE DE BARROS MOTT</b> Kliry Ferreira dos Reis (UFAM)</p> <p><b>UMA ANÁLISE DO CONTO PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS, E A RELAÇÃO DO CONTO COM O RACISMO E A VIOLÊNCIA QUE OS ESCRAVOS SOFRIAM NAQUELA ÉPOCA</b> Josimar Maciel Cordeiro e Juscele Carvalho Coutinho (UFAM)</p> <p><b>A INFLUÊNCIA DO MEIO SOCIAL SOBRE O HOMEM NA OBRA O CORTIÇO, DE ALUÍSIO DE AZEVEDO</b> Fabiele Stefani Souza Costa e Leoniza Saraiva Santana (UFAM) Coordenação: José Flávio da Paz</p>
10h00	<p align="center"><b>8ª SESSÃO: LITERATURA INGLESA E COLOMBIANA</b></p> <p><b>A IMPOSIÇÃO DA BELEZA NA OBRA THE BIRTH MARK, DE NATHANIEL HAWTHORNE</b> Ellen Cristina de Moura Nogueira e Juscele Carvalho Coutinho (UFAM)</p> <p><b>UMA LEITURA DA FÉ NOS POEMAS: "FAITH IS A FINE INVENTATION" E "TO MEND EACH TATTERED", DE EMILY DICKINSON</b> Manuella Nogueira da Silva (UFAM)</p> <p><b>A DICOTOMIA ENTRE A TRAGÉDIA E COMÉDIA NAS OBRAS DE WILLIAM SHAKESPEARE</b> Jair dos Santos Rabelo Junior (UFAM)</p> <p><b>SATANÁS. A CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE BOGOTÁ A TRAVÉS DA MULTIFOCALIZAÇÃO NARRATIVA DE MARIO MENDOZA</b> Néstor Raúl González Gutiérrez</p> <p><b>TECNOPOÉTICAS E POLÍTICAS DAS POESIAS ELETRÔNICAS: INTERSEÇÕES ENTRE ARTE, LITERATURA E TECNOLOGIA NA CONTEMPORANEIDADE</b> José Flávio da Paz (UNIR) Coordenação: Manuella Nogueira da Silva</p>
11h15	<p align="center"><b>CONFERENCIA DE ENCERRAMENTO</b></p> <p><b>A POÉTICA DE ARMÊNIO VIEIRA. PROFA. DRA. RAQUEL DAL CORTIVO (UFAM/USP/LILIPO)</b> Mediação: Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro (LILIPO)</p>



## ÍNDICE DE COMUNICADORES

Adailton Almeida Barros.....	10
Ana Beatriz Aleixo Batista.....	11
Ana Yanca da Costa Maciel (UNIR).....	12
Bruna Wagner, Everton Mateus Moura Castro e Rodrigo Anderson Machado Cavalcante (UFAM).....	13
Carlos Barroso de Oliveira Júnior e Cristiane Marina Teixeira Girard.....	14
Debora Priscila Arevalo Gutierrez (UNIR).....	15
Ellen Cristina de Moura Nogueira e Juscele Carvalho Coutinho (UFAM).....	16
Ellen Cristina de Moura Nogueira (UFAM).....	17
Everton Mateus Moura Castro, Rodrigo Anderson Machado Cavalcante e Wilson Júnior Rodrigues Leal (UFAM) ).....	18
Fabiana Barros Carneiro e Joana da Silva (UFAM).....	19
Fabiele Stefani Souza Costa e Leoniza Saraiva Santana (UFAM).....	20
Jair dos Santos Rabelo Junior (UFAM).....	21
Joama Diniz.....	22
José Flávio da Paz (UNIR).....	23
José Flávio da Paz (UNIR).....	24
Josimar Maciel Cordeiro e Juscele Carvalho Coutinho (UFAM).....	25
Julcy Emanuella da Silva (PIBIC/LILIPO).....	26
Keily Martins Francisco (UNIR).....	27
Klivy Ferreira dos Reis, (UFAM).....	28
Laíssa Pereira de Almeida (UNIR).....	29
Laura Campos de Oliveira e Mess Lane Araújo de Souza (UFAM).....	30
Laureane Antunes dos Santos (UNIR).....	31
Leoniza Saraiva Santana e Fabiele Stefâni Souza Costa (UFAM).....	32
Lisiane Oliveira e Lima Luiz (UNIR).....	34
Luana Jessica Gomes Pagung (MEL/UNIR).....	34
Lucineia Ferreira dos Santos (UNIR).....	36
Manuella Nogueira da Silva (UFAM).....	36

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.

Maurício Neves Santos e Monique Santos Pereira (UNIR).....	37
Mess Lane Araújo de Souza e Laura Campos de Oliveira (UFAM).....	38
Nájila Isabelle Aquino Silva - I (UFAM).....	40
Nájila Isabelle Aquino Silva - II (UFAM).....	41
Néstor Raúl González Gutiérrez).....	42
Pedro Henrique Rocha Vilarim (MEL/UNIR).....	43
Querla Mota dos Santos (MEL/UNIR).....	44
Rodrigo Anderson Machado Cavalcante, Everton Mateus Moura Castro e Bruna Wagner (UFAM).....	45
Sandra Stephanovichi Bresolin (PIBIC/LILIPO).....	46
Viviane Pereira Laranjeira e Josimar Maciel .....	47



**LILIPO**



**PALESTRAS**

A CIVILIZAÇÃO À BARBÁRIE: ARARIPE JÚNIOR E SILVIO ROMERO, CRÍTICOS D'OS SERTÕES. Prof. Dr. Fernando Simplicio .....	48
ENTRE VOOS, ZINCOS E SEREIAS: MARCAS DA COMPOSIÇÃO POÉTICA DE MIA COUTO - Profa. Dra. Maria de Fátima Castro de Oliveira Molina (UNIR).....	49
SKANDALA E A FALÁCIA DO MAL MENOR DESDE AUGUSTO MONTERROSO E O "MONÓLOGO DO MAL" - PROF. DR. Marcus Vinicius Xavier de Oliveira (UNIR).....	66
A POÉTICA DE ARMÊNIO VIEIRA - Profa. Dra. Raquel Aparecida Dal Cortivo (FAPEAM/UFAM/USP) .....	77



**LILIPO**



## RESUMOS DAS COMUNICAÇÕES

**Adailton Almeida Barros**

adailton.almeida.barros@gmail.com

Profa. Dra. Mara Genecy Centeno Nogueira

maracenteno@gmail.com

### **LÍRICA NEGRA: UMA ANÁLISE DOS POEMAS “EMPAREDADO” DE CRUZ E SOUSA E “A MINHA DOR” DE NOÊMIA DE SOUSA**

**RESUMO:** Este artigo tem por objetivo apresentar um diálogo entre o poeta brasileiro Cruz e Sousa, pertencente ao movimento simbolista brasileiro, e a poeta moçambicana Noêmia de Sousa no que concerne a representação do sujeito negro na poesia. Para Theodor Adorno (2003), em sua palestra sobre lírica e sociedade, embora possa parecer antitética a relação entre lírica e sociedade, a lírica por mais subjetiva que seja guarda nos seus recônditos uma relação com o teor social, pois o indivíduo é sempre sócio-historicamente constituído. Nesse sentido, Cruz e Sousa em seu poema “Emparedado” dá testemunho da resistência negra nas letras brasileiras, demonstrando as dificuldades que o artista negro tem de se firmar e expor sua arte, sua poesia é marcada por uma dor latente de sujeito emparedado numa sociedade racista que não reconhece sua arte e seu talento. Noêmia de Sousa apresenta em sua poesia a mesma dor do poeta simbolista do século XIX, demonstrando que o artista negro ainda, no século XX, tinha de resistir aos emparedamentos do preconceito racial. As análises serão centradas no poema “Emparedado” de Cruz e Sousa e no poema “A minha dor” da poetisa de Moçambique. Neste estudo, as análises serão amparadas nas contribuições teóricas e analíticas de Frantz Fanon (2005), (2008) acerca da representação e vivência do sujeito negro na arte e na linguagem, bem como os estudos de Bosi (2002) Candido (2012), Schmidt (2011) e Spivak (2010).

**Palavras-chave:** Cruz e Sousa. Noêmia de Sousa. Representação do negro(a).



**Ana Beatriz Aleixo Batista**  
annabtz13@gmail.com

Prof. Dr. Vitor Cei Santos Santos  
vitorcei@gmail.com

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PESSIMISMO E O NILISMO EM  
“RESSURREIÇÃO”, DE MACHADO DE ASSIS**

**RESUMO:** O objetivo geral desta comunicação é apresentar os resultados parciais da nossa pesquisa de PIBIC, argumentando que no romance *Ressurreição*, publicado por Machado de Assis em 1872, o pessimismo aparece configurado como protoforma do niilismo. Como objetivo específico, defendemos que o personagem Félix pode ser considerado um precursor de Bento Santiago, protagonista de *Dom Casmurro*, porque ambos, movidos por ciúme doentio e ressentimento, rejeitam a possibilidade do amor verdadeiro e se condenam a um isolamento pejado de ilusões. O livro, que o autor chama de ensaio, tem por mote o exame da possibilidade ou impossibilidade da “ressurreição” (cura surpreendente e inesperada, nova vida, novo vigor) de duas personagens, Félix e Lívia, que haviam sido marcadas pela frustração de relações amorosas anteriores. O título refere-se, portanto, à ressurreição de um amor, o que não acontece. Fica uma lacuna, uma falta, falha, falência: uma vida sem amor. A incapacidade de amar como pessimismo, forma prévia de niilismo. O pessimismo pode ser considerado uma protoforma do niilismo porque, em seu primeiro sentido e em seu fundamento, niilismo significa o valor de nada assumido pela vida na medida em que é negada, depreciada; a ficção dos valores superiores que lhe dão esse valor de nada, a vontade de nada que se exprime nesses valores superiores.

**Palavras-chave:** Machado de Assis. Pessimismo. Niilismo. "Ressurreição".



**Ana Yanca da Costa Maciel**  
anacmaciel3@gmail.com

Prof. Dr. Vitor Cei Santos Santos  
vitorcei@gmail.com

**O ENGAJAMENTO EXISTENCIAL DAS PERSONAGENS D'O CONTO DA ILHA  
DESCONHECIDA: DIÁLOGOS ENTRE JOSÉ SARAMAGO E JEAN-PAUL SARTRE**

**RESUMO:** Propomos uma discussão em torno da literatura engajada, apontando contribuições estéticas e políticas, como um gesto intrínseco ao próprio fazer literário, relacionado ao engajamento intelectual dos escritores José Saramago e Jean-Paul Sartre. Salientamos o comprometimento histórico que os autores reimprimem em sua escrita. Para efeito de discussão, investigamos como se dá o engajamento existencial de duas personagens saramaguianas: o “homem do leme” e a “mulher da limpeza”, d'O Conto da Ilha Desconhecida (1998 [1997]). Levamos em consideração algumas indagações, a saber: Como se situa o escritor, enquanto sujeito social e artista? De que modo o engajamento que está na sociedade se transforma no texto literário? Como o engajamento existencial do autor e das personagens constitui um percurso libertário? Quando se perscruta a referida aproximação, temos o pressuposto de uma “vizinhança comunicante” na interlocução entre os campos literário e filosófico. A nossa principal hipótese é uma afirmação que possibilita outros questionamentos sobre a mesma obra literária: o conto é um projeto que se realiza na ação das personagens por meio da liberdade, necessária ao engajamento. Nesse sentido, os autores direcionam seus leitores ao pensamento crítico-reflexivo sobre si mesmo e sobre seu próprio contexto social. O embasamento teórico que fecunda o corpus de nosso trabalho consiste na recorrência a reflexões de autores como Antonio Candido (1993; 2004), Alfredo Bosi (1996), Arthur Danto (1975), Franklin Leopoldo e Silva (2003; 2004; 2008) et Jean-Paul Sartre (1963; 2004; 2008; 2012).

**Palavras-chave:** Engajamento. Liberdade. Literatura. "O Conto da Ilha Desconhecida".



**Bruna Wagner**

bruna.wagner.sci@gmail.com

**Everton Mateus Moura Castro**

evertonmouracastro@gmail.com

**Rodrigo Anderson Machado Cavalcante**

rodrigomachado17@gmail.com

**O PROCESSO DE TRANSCULTURAÇÃO EM *RELATO DE UM CERTO ORIENTE*  
DE MILTON HATOUM**

**RESUMO:** No estado do Amazonas existe uma cidade, cosmopolita, no interior da imensidão verde e rodeada por águas turvas: Manaus. A capital amazonense é cenário para uma das mais belas e instigantes narrativas de nossa literatura, “Relato de um certo Oriente”, de Milton Hatoum, publicado pela primeira vez em 1989. O texto parte de relatos que ao decorrer do livro reconstrói as memórias de uma série de personagens, que ditam fatos do passado do ambiente, pano de fundo do enredo, e das pessoas que pertenciam aquela cena. Hatoum nos apresenta os conflitos, envoltos por um clima de mistério, de uma família de imigrantes libaneses a partir da fala da narradora, que não é nomeada. Durante os desenrolar dos acontecimentos é possível observar que existe na trama uma atmosfera multifacetada, marcada por hibridismos entre a cultura local e a dos imigrantes que ali se alojaram. A partir disto surgiu o seguinte questionamento referente ao romance de estreia do escritor amazonense: Como é feita a intersecção entre as culturas distintas dentro do texto? Para respondermos esta indagação analisaremos a obra por meio de excertos do romance e da elucubração de teóricos como HALL (2003) para falarmos sobre identidade cultural, BREND (2003) e RAMA (2001) sobre o processo de transculturação no ambiente literário, bem como WILLIAMS (1992) para elucidarmos sobre o conceito de cultura. Apoiado nestas bases teóricas, o trabalho em questão objetiva responder à questão levantada previamente acima.

**Palavras-chave:** Cultura, Transculturação, Milton Hatoum. “Relato de um certo Oriente”.



LILIPO



**Carlos Barroso de Oliveira Júnior**  
**Cristiane Marina Teixeira Girard.**  
cristiane.girard@unir.br

Prof. Dr. Élcio Aloísio Fragoso  
elciofragoso@unir.br

**A LITERATURA “NEGRA” COMO MATERIALIDADE SIGNIFICANTE NO  
DISCURSO DE MATIAS MENDES NA OBRA “MUSA NEGRA”**

**RESUMO:** Matias Alves Mendes – o poeta do Guaporé – é um escritor rondoniense nascido no vale do Rio Guaporé que estudou em escolas rurais. Ele teve seu poema “Musa Negra” publicado na primeira parte da obra literária “Apologia da Negritude”. Em seu trabalho podem ser observados conceitos para as expressões “Literatura negra” e “Literatura afrodescendente”. Neste ensaio, com base na Análise de Discurso de linha francesa e na Psicanálise Lacaniana, buscam-se imprimir movimentos de interpretação sobre o poema “Musa Negra” como materialidade significante, tendo presente o discurso do poema e o discurso sobre o poema no que se refere à literatura negra. Apoia-se, para tanto, nos modelos de análises discursivas de Lagazzi, de documentários e filmes, onde ela amplia o escopo analítico de Orlandi sobre a definição de discurso como “a relação entre a língua e a história” ao passar a referir-se ao discurso como “a relação entre a materialidade significante e a história”, o que dá base ao tipo de análise aqui proposta, justamente pelo fato do conceito de materialidade significante compreender outras relações além da língua. Busca-se, ainda, chamar a atenção para um funcionamento específico da imagem e do movimento em Musa Negra. A inquietude, que levou à pesquisa, parte da materialização de discursos que tornam o poema Musa Negra como objeto de análise, a saber: o discurso étnico-racial; o discurso literário; o discurso poético; o discurso político; o discurso afrodescendente e o discurso religioso. O método empregado é o materialista, a partir das assertivas de teóricos como: Michel Pêcheux, Eni de Lourdes Puccinelli Orlandi, *Suzy Maria Lagazzi* entre outros de grande relevância para os estudos da Análise de Discurso, na perspectiva de encontrar aportes suficientes para as conceituações de termos, como: noção de valor, movimento, recorte, funcionamento discursivo, sujeito, equívoco, contradição, etc. Assim, procura-se compreender a literatura negra, em Musa Negra, como uma materialidade significante pela qual o sentido

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
do poema se formula, ao se compreender que a descrição e interpretação não se restringem a  
uma prática meramente verbal, mas também ideológica.

**Palavras-chave:** Análise de Discurso. "Musa Negra". Materialidade significativa.  
**Literatura negra.**



**Debora Priscila Arevalo Gutierrez**  
deboraarevalo2412@hotmail.com

Prof. Dr. Vitor Cei Santos Santos  
vitorcei@gmail.com

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O PESSIMISMO E O NIILISMO EM A MÃO  
E A LUVA, DE MACHADO DE ASSIS**

**RESUMO:** O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados parciais da nossa pesquisa de PIBIC. Argumentamos que o niilismo no romance *A mão e a luva*, de Machado de Assis, está prefigurado no caráter pessimista da “voluptuosidade da dor” do personagem Estêvão. O tema nos remete ao pessimismo e ao niilismo do século XIX. Apesar de ser visto ainda como uma preliminar, o pessimismo, com o questionamento dos impulsos instintivos e com sua valoração negativa da vida, tem um significado decisivo para o desenvolvimento do niilismo europeu e de sua variante brasileira, reconfigurada com a pena da galhofa.. Da forma superlativa do adjetivo latino *malus – pessimum*, “pessimismo” significa, etimologicamente, aquilo que há de pior, de mais detestável. Aproximar-se da experiência do niilismo com uma atitude bem-humorada não serve para eliminar ou acabar com o sofrimento do niilista, mas ajuda a dar um sentido ao sofrimento, permitindo que o niilista suporte as inevitáveis frustrações da vida. Esse talvez seja o principal serviço que o humor pode desempenhar em confronto com o niilismo.



**Palavras-chave: Nihilismo. Pessimismo. Machado de Assis. "A mão e a luva".**



**LILIPO**



**Ellen Cristina de Moura Nogueira**

cristina-nogueiram@hotmail.com

**Juscele Carvalho Coutinho**

jusce.coutinho@gmail.com

### **A IMPOSIÇÃO DA BELEZA NA OBRA THE BIRTH MARK DE NATHANIEL HAWTHORNE**

**RESUMO.** Na sociedade atual vemos um padrão de beleza ser apresentado pela mídia através da imposição da aparência ideal caracterizada por: cabelos sedosos, corpos esculturais, pele sem rugas entre outros aspectos; nenhum esforço é poupado em busca da sonhada “perfeição”. Temos símbolos de beleza como Marilyn Monroe, Gisele Bündchen, que acabam ditando normas para toda uma sociedade, e tais padrões são, muitas vezes, difíceis de atingir. Muitas mulheres se submetem a tratamentos estéticos dolorosos e em alguns casos se tornam psicologicamente transtornadas por conta desses padrões, infelizmente há casos de bulimia, anorexia e alguns óbitos. Nathaniel Hawthorne nos mostra através de seu conto “The Birthmark” (1843) a obsessão do protagonista Aylmer em tornar sua esposa Georgiana “perfeita”, o que causa dor a personagem feminina, tanto psicológica quanto física e lhe custa a própria vida. O conto será analisado através da perspectiva da crítica literária feminista de Simone de Beauvoir (1949) e Germaine Greer (1970) que questionam a objetificação feminina. A metodologia usada será de cunho bibliográfico analítico e será feita análise baseada em aporte teórico dos trechos da obra em que Georgiana é torturada em nome da beleza.

**Palavras-chave: Padrão de Beleza. Objetificação Feminina. Germaine Greer. Nathaniel Hawthorne. Simone de Beauvoir.**



**Ellen Cristina de Moura Nogueira**  
cristina-nogueiram@hotmail.com

Prof. Klivy Ferreira dos Reis  
klivyreis@hotmail.com

**A REPRESENTAÇÃO E SUBMISSÃO DA MULHER NA OBRA REVOLTA DE  
MÁRCIO SOUZA**

**RESUMO:** A representação feminina ao longo dos séculos foi fortemente marcada pelo patriarcalismo, período em que as mulheres tinham seus direitos negados e silenciados, cabendo a elas apenas o direito a procriação. Nesse seguimento, a representação feminina na sociedade atual foi ganhando mais visibilidade em algumas esferas, mas ainda marcada em muitos momentos como um ser passivo e fisicamente frágil. Para sustentar essa discussão, cabe-nos fazer uma análise crítica da obra *A Revolta* (2005), de Márcio Souza, que tematiza a mulher como objeto sexual. Há nesta escrita uma crítica a forma de tratamento submetido as mulheres, e, o papel de submissão desempenhado pelas mesmas demonstra sua subsistência. Algumas personagens da obra tentam possuir ascensão social, no entanto não obtém o sucesso merecido devido ao descaso por serem mulheres, ou vista apenas como objetos de satisfação pessoal masculina. Souza (2006, 39) cita “[...] pena que Margarida é muito despreparada e não sirva nem como balconista. Margarida só serve para um proposito, e nisso ela é uma mestra. A primeira coisa que fez quando ficamos sozinhos foi me encher de beijos. Era só ficarmos a sós e lá vinha ela com os lábios carnudos se abrindo e a cabeça curvando.” Com efeito, para fomentar essa reflexão nos apoiamos em Cotrim (1986), Samara (2006), Souza (2005) e em outros autores que versam essa temática.

**Palavras-chave: Literatura. Mulher. Márcio Souza. "Revolta".**



**LILIPO**



**Everton Mateus Moura Castro**  
**Rodrigo Anderson Machado Cavalcante**  
**Bruna Wagner**

evertonmouracastro@gmail.com  
rodrigomachado17@gmail.com  
bruna.wagner.sci@gmail.com

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER AMAZÔNICA EM “VELAS POR QUEM?” DE  
MARIA LÚCIA MEDEIROS.**

**RESUMO:** Após o período de exploração e descoberta da Amazônia, sua ocupação e consequente povoamento entre os séculos XIV e XVIII se deu de forma conflituosa pelas principais coroas europeias da época. Mais tarde, a ambição do enriquecimento proveniente da *Belle Époque*, vivenciados pelos estados do Pará e Amazonas, trouxe um fluxo migratório ainda mais intenso para a região, no qual incluímos a vinda de portugueses, ingleses, espanhóis, holandeses, além dos negros que acompanhavam seus “senhores”, resultando no amplo processo de miscigenação no território amazônico. Este processo não se deu de forma passiva, visto que ocorreu principalmente a partir das relações forçadas entre as índias e os europeus. Partindo desta perspectiva, o presente trabalho discute a construção da identidade cultural da mulher amazônica no conto “Velas Por Quem? (1997), de Maria Lúcia Medeiros, no qual a mulher tende a ser má vista e marginalizada aos olhos da sociedade, assim como acontece com a personagem principal do conto que é tomada como objeto de análise deste estudo. Ela não tinha nome, “nem cor definida”. Era “bicho”: o búfalo, a corça e o cão”, estas são as características dadas à personagem, que por sua vez aceita-as como um destino já traçado para ela. Como referencial teórico, tomaremos como base os Estudos Culturais e Pós-Coloniais, além das teorias do Feminismo, fazendo uma leitura apoiada a uma perspectiva culturalista e feminista de críticos como Bhabha (1998), Hall (2005), Bosi (1992) Beauvoir (1980), Butler (2003) entre outros autores que versam sobre a temática aqui proposta.

**Palavras-chave: Mulher. Identidade Cultural. Amazônia. Estudos Culturais.**



LILIPO



**Fabiana Barros Carneiro**

fabibc25@hotmail.com

**Joanna da Silva**

joannahumaita@bol.com.br

**A MULHER E O CELIBATO NO NATURALISMO AMAZÔNICO INGLÊS DE SOUSA E A OBRA “O MISSIONÁRIO”.**

**RESUMO:** O presente artigo tem como objetivo principal desenvolver uma análise a respeito da presença do Naturalismo na literatura amazônica, suas principais características, e como este se fez representar no contexto amazônico a partir da obra “O missionário” (1891), de autoria do escritor paraense Inglês de Sousa, cuja temática preconiza o elemento “meio” como influenciador dos instintos humanos, na qual a atmosfera selvagem coloca a prova as virtudes e a fé do personagem principal, o jovem padre Antônio de Moraes, que se deixa influenciar pelo sonho de ser reconhecido como herói e catequizador de índios, mas não consegue resistir à força circunstancial frente ao fascínio e sedução exercidos pela figura feminina, representada pela personagem Clarinha, uma jovem mameluca, caracterizada por uma arraigada passividade patriarcal a qual as mulheres eram submetidas naquela época. O desenvolvimento do estudo aqui proposto, buscou embasamento teórico nos seguintes autores: ALVES E PITANGUY (1985), BEAUVOIR (1980), BOSI (2006), CANDIDO (2006), COSTA (2005), MOISÉS (2007), SOUSA (1891), entre outros.

**Palavras-chave: Mulher e celibato. Naturalismo Amazônico. “O missionário”.**



LILIPO



**Fabiele Stefãni Souza Costa**  
fabielebragado@hotmail.com  
**Leoniza Saraiva Santana**  
Leoniza.saraiva21@gmail.com

**A INFLUÊNCIA DO MEIO SOCIAL SOBRE O HOMEM NA OBRA “O CORTIÇO”  
DE ALUÍSIO DE AZEVEDO.**

**RESUMO:** O livro “*O cortiço*” narra a vida de pessoas pobres que moram no cortiço de São Romão no Rio de Janeiro, que foi inspirado no bairro Botafogo da mesma cidade. Neste cortiço desenrolam-se várias histórias de vários personagens que vão sendo modificados pelo meio em que vivem. O objetivo deste estudo é uma análise sobre esta obra Naturalista de Álvares de Azevedo, nos seguintes aspectos: a comparação dos personagens a animais para mostrar suas atitudes irracionais, homossexualidade, o sexo como desejo de domínio sobre outro e um modificador de caráter, a luta de classes, e a posição social das mulheres dentro do romance. Nesta obra podemos ter uma boa visão dos comportamentos sociais, e trazer isto para nossa realidade. O trabalho foi realizado a partir da análise do enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. Ao fim deste estudo podemos relacionar o homem e o meio em que vive e o poder que um exerce sobre o outro. O Naturalismo diz que o homem é modificado pelo meio em que vive, mas o homem também pode modificar o meio, então devemos acreditar que também existem pessoas boas, e que estão dispostas a fazer o bem, podem até errar, mas não se deixaram abater por isto, ou passarão a serem outras pessoas, para que possamos mudar as condições em que vivemos na sociedade pelos direitos iguais, devemos acreditar também que pessoas responsáveis e honestas existem, e sim podem fazer ao menos o mínimo de diferença.

**Referências:**

- AZEVEDO, Aluísio. *O cortiço*. São Paulo: Escala Educacional, 2006.
- COUTINHO, Afrânio. *A literatura no Brasil*. Volume IV. 7ª ed. São Paulo: Global, 2004.
- SANT’ANNA, Affonso Romano de. *Análise estrutural de romances brasileiros*. Petrópolis: Vozes, 1973.

**Palavras-chave: Romance. Naturalismo. O cortiço.**



**LILIPO**



**Jair dos Santos Rabelo Junior**  
jairrpg@hotmail.com

### **A DICOTOMIA ENTRE A TRAGÉDIA E COMÉDIA NAS OBRAS DE WILLIAM SHAKESPEARE**

**RESUMO:** As obras Shakespearianas trazem consigo uma carga poética bastante rica através de suas ilustres narrativas que nos permitem refletir acerca das próprias condições humanas através de seus conflitos sociais. Retratar possíveis situações e comportamentos naturais do ser humano de forma cotidiana e clara, tornou-se um dos principais elementos que elevaram William Shakespeare como o maior dramaturgo de todos os tempos. Sendo assim, por meio de sua alta complexidade em retratar tais fatos, foi excepcionalmente criativo em suas comédias e tragédias. Apesar de serem gêneros distintos podemos relacioná-las por um elemento bastante expressivo que de fato sustenta toda a estrutura da narrativa, a denúncia social. Este tema tem sido bem colocado nas obras Shakespearianas nestes diferentes gêneros, entretanto de uma maneira que nos permite ter uma perspectiva diferenciada entre ambas, embora retrate personagens caricaturais. Nas tragédias o protagonista deve ter um caráter admirável, mas imperfeito, e o público precisa compreendê-lo e simpatizar com ele. Provavelmente todos os protagonistas trágicos de Shakespeare são capazes tanto do bem como do mal. Ele sempre insiste no funcionamento da livre vontade. Nas comédias os personagens são vistos de forma cômica, em que geralmente tem o único objetivo de entreter e divertir o público, porém, intrinsecamente aborda também temas sérios, que nos leva a refletir sobre estes aspectos, por exemplo, a árdua submissão da mulher e a condição humilhante do servo em *A Comédia dos Erros*. Portanto, o objetivo deste estudo é

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
dicotomizar estes gêneros abordando tais aspectos que relacionam e diferenciam a comédia e a tragédia de Shakespeare.

**Palavras-chave: William Shakespeare. Denúncia Social. Dicotomizar.**



**Joama Silva Diniz**  
joamadiniz@gmail.com

### **AMAZÔNIA BRASILEIRA: BREVES CONSIDERAÇÕES SOBRE A SOBERANIA DO TERRITÓRIO**

**RESUMO:** Pretende-se neste artigo tecer um comentário sobre a soberania da Amazônia Brasileira, analisando essa questão pelo viés da Filologia Política. Buscando responder a questão proposta no título, utilizando para isso apontamentos feitos com relação ao interesse internacional pela região e a visão dos povos nativos, com suas características de linguagem e organização social. Pensar a Amazônia em seu contexto político, social e econômico, requer refletir sobre uma sociedade extremamente rica em todos os sentidos, tão gigante quanto sua demissão territorial e tão magnífica quanto a sua biodiversidade. A Amazônia brasileira é um símbolo não apenas por suas riquezas naturais, mas também pela riqueza cultural e a diversidade de povos e línguas que habitam este território. A grande esfinge verde nos convida a decifrá-la e aí de nós se não o fizermos. A exploração da região sempre foi intensa e indiscriminada desde os primórdios da colonização do território perpassando pelos círculos de exploração, não obstante tantas mudanças são visíveis uma identidade forte e um traço único das manifestações culturais e de um povo cuja vivência se traduz em algo místico e original. Em uma visão holística, a região se conceitua um patrimônio e como tal tem de ser preservado em todos os seus aspetos. A riqueza de um lugar está na sua gente e na sua cultura. É necessário conhecer e vivenciar cada espaço e tomar para si os seus conceitos.





**José Flávio da Paz**

jfpaz@unir.br

**TECNOPOÉTICAS E POLÍTICAS DAS POESIAS ELETRÔNICAS:  
INTERSECÇÕES ENTRE ARTE, LITERATURA E TECNOLOGIA NA  
CONTEMPORANEIDADE**

**RESUMO:** O presente trabalho é resultado de investigação literária sobre a produção poética contemporânea, com especial ênfase nos conceitos dos pesquisadores brasileiros, poetas e professores do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Semiótica da PUC-SP, Arlindo Machado e Philadelpho Menezes, nas décadas de 80 e 90, do século passado, mais precisamente, tendo o Machado cunhado a expressão "poéticas eletrônicas" e Menezes "poesias visuais". Portanto, grandes precursores e difusores da poesia verbivocovisual na atualidade. Além dos citados, sustentaremos este trabalho nas perspectivas de estudiosos da América latina e norte-americanos, como Claudia Kozak, Gonzalo Aguilar, Esteban Castromán, Carmem Leibivich, Laura Novoa, N. Katherine Hayles e outros. O objetivo é discutir as diferentes lógicas e formas de leitura e de literária produzida a partir da utilização dos recursos midiáticos, tecnológicos e computacionais disponíveis aos escritores e leitores das gerações X, Y e Z, bem como reconhecer seus processos estéticos e culturais. Perceber ainda, o *locus* do livro impresso como um produto resultante de um trabalho que envolve processos digitais, técnicos e tecnológicos, desde a sua essência. Portanto, fixo e fixado na palavra, enquanto na era digital, ganha cada vez mais espaço os formatos digitais, implicando inclusive, em baixas aquisições do formato impresso. Logo, uma questão política a ser pensada, dado os fins capitalistas a que se propõe o modelo de sociedade e de economia que se instala no Brasil e mundo a fora. Finalmente, é salutar informar que não se trata aqui de responder como as tecnologias têm afetado o processo de leitura ou mesmo nos tomemos



CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
ferrenhos defensores das obras em seus formatos digitais apenas, mas pensar as *marcas* que tais produções, sejam positivas e ou negativas, têm deixado nesta era digital e reconhecer que termos como "ciberliteratura", "eletropoética", "holopoesia", "videoarte" e muitos outros incorporam o nosso vocabulário acadêmico e social.

**Palavras-chave:** Tecnopoética. Poesias Eletrônicas. Arlindo Machado. Philadelpho Menezes. N. Katherine Kozak.



**José Flávio da Paz**  
jfpaz@unir.br

### **A PÓS-MODERNIDADE E A LITERATURA ELETRÔNICA NA SOCIEDADE DE CONTROLE: DESAFIOS E CONFLUÊNCIAS**

**RESUMO:** Esta proposta temática tem como objetivo refletir as influências dos diversos recursos midiáticos, técnico, tecnológico e computacionais sobre as produções de caráter literatura e artístico, com especial atenção ao gênero poema, bem como analisar, a partir das concepções filosóficas de Gilles Deleuze e Michel Foucault, em suas concepções de Sociedade de Controle e Sociedades Disciplinares, respectivamente, como acontecem os processos de vigilância sobre as produções literárias quando o recurso é o livro digital, sua difusão e comercialização, e na sequência, aplicar tais teorias identificando novas formas de promover a leitura e a interpretação das obras literárias, por parte das grandes editoras, além de (re) conhecer e identificar o seu grau de interesse e intencionalidade no controle da sociedade contemporânea. Para que tais objetivos sejam alcançados, além dos autores citados, sustentaremos nossos argumentos nas premissas da pesquisadora norte-americana N. Katherine Hayles, professora e diretora de Pós-Graduação no Programa de Literatura da Universidade Duke, que teve sua obra *Literatura Eletrônica*, traduzida e publicada no Brasil em 2009; da investigadora argentina Claudia Kozak, Doutora em Letras, professora da Universidade de Buenos Aires-UBA, editora da obra *Tecnopoética argentinas: archivo*

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1. *blando de arte y tecnologia*, publicado 2012; do escritor, filósofo, semiólogo, linguista e bibliófilo italiano - Umberto Eco, titular da cadeira de Semiótica e diretor da Escola Superior de Ciências Humanas na Universidade de Bolonha e autor de dezenas de livros, que substituiu o conceito de livro pelo conceito de obra, uma vez que reconhece o produto como “um objeto dotado de propriedades estruturais definidas, que permitam, mas coordenando-os, o revezamento das interpretações, o deslocar-se das perspectivas”, em sua obra *Obra Aberta*. Que por consequência influencia poetas e críticos concretistas e verbivocovisuais brasileiros, tais como: Wladimir Dias-Pino; Philadelpho Menezes; Arlindo Machado; João Bosco de Almeida, Anchieta Fernandes, Moacyr Cirne e muitos outros.

**Palavras-chave:** Literatura Eletrônica. Sociedade de Controle. Sociedades Disciplinares. N. Katherine Hayles. Gilles Deleuze.



**Josimar Maciel Cordeiro.** josimarmaciel177@gmail.com<sup>1</sup>  
**Juscele Carvalho Coutinho.** juscele.coutinho@gmail.com<sup>2</sup>

**UMA ANÁLISE DO CONTO PAI CONTRA MÃE, DE MACHADO DE ASSIS, E A  
RELAÇÃO DO CONTO COM O RACISMO E A VIOLÊNCIA QUE OS ESCRAVOS  
SOFRIAM NAQUELA ÉPOCA.**

**RESUMO:** Introdução: O conto é uma forma rápida e objetiva de passar a mensagem que o autor almeja contendo sentido preciso sem elementos extras, os personagens possuem um papel importante na história, a maioria dos contistas não se preocupam com a riqueza de detalhes e sim com a mensagem que eles anseiam em transmitir “No conto não deve sobrar nada, assim como no romance não deve faltar nada” (Cortázar.1974, p.63), percebemos que o conto é rápido e direto. Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo mostrar a violência que os escravos sofriram no conto *Pai contra Mãe*, e qual era a crítica feita por Machado de

Assis à sociedade da época. Análise do conto: Desde o início o conto *Pai contra mãe* mostra os maus tratos que a sociedade negra recebia naquela época, a liberdade era uma meta ansiada por todos os escravos, o ferro ao pescoço e ao pé simbolizam o aprisionamento servindo de castigo para aqueles que tentavam fugir, a máscara escondia o rosto de quem tentava pedir ajuda, mas que era tampado para não ter nenhum tipo de vício. Percebemos no decorrer do conto um romance entre Clara e Candinho, porém era a escravatura e o sistema que tinham maior destaque em todo o enredo. Considerações finais: O conto é desenvolvido em função de uma crítica social abordando o sistema escravocrata que era reprovável por Machado de Assis, vimos que a cor ocasionava um fator crucial para a diferenciação de classes, os negros eram vítimas de racismo, e podiam apenas exercer o papel de escravos na sociedade daquela época.

**Palavras-chave:** Conto. Machado de Assis. "Pai contra Mãe".



**Julcy Emanuella da Silva**  
julcy.manu@hotmail.com

Prof. Dr. Pedro Manuel Monteiro  
pmmonteiro2008@gmail.com

**A VOZ DA MULHER NEGRA E SUAS MEMÓRIAS: UMA LEITURA DO POEMA  
VOZES MULHERES DE CONCEIÇÃO EVARISTO**

**RESUMO:** Buscaremos analisar neste artigo a voz da mulher negra, valorizando suas memórias perpassando por gerações. Pretendemos também, identificar como a autora usa de sua voz para denunciar ações da classe média branca, que causa aborrecimento quando, a sua maior preocupação é a presença do negro na sociedade. A voz que ecoa quer ser ouvida, busca derrubar barreiras e modificar o futuro das gerações seguintes. Depois de longos anos passados, ainda nos deparamos com situações de desigualdades, mulheres que sofreram, que

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
viram suas bisavós, avós, mães, serem maltratadas e violentadas, por homens brancos, ações de desespero de quem perdeu muito e continua perdendo. O poema “Vozes Mulheres” funciona como uma corrente, em que a mãe vê na filha a esperança de um futuro melhor, rompendo essa ligação triste. Isso pode ser observado no primeiro verso da última estrofe: “A voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato.”(EVARISTO, 2008, p. 10). Tendo assim uma luta de gerações, em que a filha vivenciará uma liberdade conquistada por suas antecessoras, depois de longos choros e palavras reprimidas. Como ferramenta a filha por sua vez fará uso das memórias de suas gerações passadas e também de lembranças vivenciadas por ela, dando um basta e reescrevendo uma nova história.

**Palavras-chave: Poema. Memória. Mulher. Conceição Evaristo.**



**Keily Martins Francisco**  
kmf17@hotmail.com

Prof. Dr. Pedro Manuel Monteiro  
pmmonteiro2008@gmail.com

**A MULHER, A VOZ E O SILÊNCIO: POR VOCÊ DANCEI *BALADAS DE AMOR AO VENTO!***

**RESUMO:** Paulina Chiziane é a voz da prosa feminina moçambicana, autora de *Balada de amor ao vento* (1990), *Ventos do Apocalipse* (1999) *O sétimo juramento* (2000), *Niketche: uma história de poligamia* (2002), e *O alegre canto da perdiz* (2008), a autora sempre traz para sua obra a situação da mulher moçambicana, sobretudo em uma sociedade poligâmica. Para essa análise escolhemos sua primeira obra *Balada de amor ao vento* edição de 2003 e nos ateremos a refletir sobre a situação da mulher (Sarnau) que vivera em sua vida em três estágios: em poligamia, em monogamia e por último, sozinha com seus filhos. Com base nas teorias de Neuma Aguiar, Michelle Perrot e Gayatri Spivak, buscaremos refletir sobre a

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
situação dessa mulher moçambicana: como dar voz a ela? Como manter a esperança de um futuro melhor se cada vez que se busca a liberdade acaba-se mais presa? Sarnau é uma mulher que questiona e que busca mudanças para sua vida, entretanto, acaba sempre esbarrando em uma sociedade machista e cruel com suas mulheres. Escrito em uma linguagem poética e fácil de ler, Balada de amor ao vento é a história de uma mulher que fora silenciada, mas que mesmo assim fala. Conseguirá ela a tão sonhada liberdade? E sua busca pelo amor? Com base nessas reflexões procederemos a análise da obra.

**Palavras-chave:** Voz. Paulina Chiziane. Poligamia. Mulher. Busca. "Balada de amor ao vento".



**Klivy Ferreira dos Reis**  
klivyreis@hotmail.com

### **UMA LEITURA SOBRE A NEGAÇÃO IDENTITÁRIA NEGRA NA OBRA *E AGORA?*, DE ODETTE DE BARROS MOTT**

**RESUMO:** A questão identitária é uma temática que recorrentemente vem sendo discutida na ótica literária, de modo especial, a negação da identidade negra. Assim, a literatura como ferramenta humanizadora, nos permite fazer uma leitura dessa questão por meio da personagem Camila que nega sua identidade para não sofrer as mazelas do racismo perante uma sociedade “branqueada”. Para compreendermos melhor sobre a negação identitária presente na obra *E agora?* (1983), de Odette de Barros Mott, objetivou-se fazer uma contextualização de como o racismo abala os processos identitários e em muitos contextos criam-se conflitos emocionais, psicológicos, afetivos, sociais e culturais pela não aceitação da identidade negra, aqui representada por Camila. Mott (1983) apresenta em certos momentos da narrativa, que Camila ocultava de onde viera sua origem, com isso ela se tornava vítima do seu próprio preconceito. Em consonância a essa negação, ela deixa de viver seu amor com

Leo, pela vergonha de não revelar que era filha de um português casado com uma negra. Neste contexto, ela cria um conflito indenitário, contraditando a si mesma. Assim, para sustentar essa discussão, optou-se pelos teóricos, Brito (2008), Candido (2000), Fanon (2008), Hall (2005), Novas Coelho (2000), Moura (1990), Mott (1983), Munanga (1988) e entre outros autores que versam a temática em tela.

**Palavras-chave: Literatura. Racismo. Negação identitária**



**Laíssa Pereira de Almeida**  
lpalmeida27@gmail.com

Prof. Dr. Pedro Manuel Monteiro  
pmmonteiro2008@gmail.com

### **O SILENCIAMENTO DAS MULHERES NEGRAS: GRITOS QUE ECOAM NAS OBRAS DE ANA PAULA TAVARES, ELISA LUCINDA E ELLEN OLÉRIA**

**RESUMO:** Buscaremos a partir de uma análise comparatista, percebermos como se dá o empoderamento entre as mulheres negras, no Brasil e em Angola. Teremos como *corpus científico*, fragmentos das obras: *Ritos de Passagem* de Ana Paula Tavares, *Aviso da lua que menstrua* da autoria de Elisa Lucinda, ensaiando uma ponte entre a literatura e a música afrofuturista brasileira, com fragmentos de duas canções de Ellen Oléria. Mulheres Negras de diferentes continentes, com algumas semelhanças, e de distintas gerações, sendo Elisa Lucinda e Ana Paula Tavares da geração de 50, e Ellen Oléria da geração de 80, o que nos permitirá diagnosticar quais são os gritos que ecoam, que divergem, que se assemelham entre duas gerações. Procuraremos ainda identificar como se dá a contestação às imposições dos regimes políticos e sociais patriarcais na escrita dessas mulheres negras e colonizadas e os seus reflexos na cultura brasileira. Como se dá a legitimação do discurso da mulher pela sociedade, uma vez que não era aceito e que ainda hoje encontra barreiras no mundo de língua

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1. portuguesa. Considerando que o discurso em análise é feito por mulheres em situação de colonizadas, viabilizando o abafamento de tal, pois o subalterno não tem fala e nem pode ser representado (SPIVAK, 2006). Entrelaçando Angola-Brasil.

**Palavras-chave: Mulheres negras. Angola. Brasil. Verso.**



**Laura Campos de Oliveira**  
lindalaury@hotmail.com<sup>1</sup>  
**Mess Lane Araújo de Souza**  
misslane\_samuel@hotmail.com<sup>2</sup>

#### **LINGUAGEM POÉTICA NA OBRA “LAVOURA ARCAICA” DE RADUAN NASSAR**

**RESUMO:** A obra conta a história de uma família que vivia de costumes, em que a mãe tinha um lado afetivo, diferente do pai que era rigoroso, autoritário, fortalecendo o seio familiar com pregações de sermões e trabalho. Começa com a vida desordenada de André, que sai de casa fugindo da austeridade do pai e do amor que sente pela irmã Ana. Seu irmão Pedro vai em busca dele, ambos têm uma conversa, por meio desta há vários conflitos que vão se desdobrar e se refletir na própria estrutura do texto. Sendo assim, a narrativa relata fatos ocorridos no nosso meio familiar, em que ficamos em conflitos com o nosso eu, há filhos revoltados com os pais ou não aceitam tais costumes seguido pela família. Em consequência disso, acabam saindo de casa para fugir dos problemas enfrentados no seu interior. “A força de Lavoura Arcaica como a de todas as grandes obras literárias, está na linguagem em que se narra essa tragédia familiar” (PERRONE-MOISÉS, 1996, p.66). Objetivos: O presente trabalho tem como objetivo mostrar que os fatos relatados em torno da personagem principal são contados em primeira pessoa, utilizando a linguagem poética. Análise da obra: “Lavoura Arcaica” é dividida em duas partes, sendo “a partida” e o “retorno”, em que o autor Raduan Nassar reflete a passagem bíblica do “filho pródigo”, que sai de casa e retorna, porém, vem trazendo desgraça para a família. A narrativa vai fluindo conforme os pensamentos e



CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
sentimentos das personagens. E como é narrado poeticamente, na obra não há parágrafos, mas é utilizado diferentes tipos de pontuação. Os pontos finais, só aparecem no final de cada capítulo. Sendo utilizada também as metáforas, repetições pelas palavras e seus sons de rima. Dessa forma, mistura-se a forma com o conteúdo, criando a prosa poética, que caracteriza nossa literatura moderna. Considerações finais: Essa composição é densa, pois, é capaz de adentrar as superfícies das temáticas como religião, família, incesto, sem se deixar levar pelo previsível. Portanto, Lavoura arcaica possui uma linguagem rica, mesmo trazendo uma narrativa mais simples, ou seja, o grande sucesso da obra foi a sua construção linguística.

Referências:

NASSAR, Raduan. Lavoura Arcaica. 3ª edição. ver. pelo autor, São Paulo: Companhia de Letras, 1989.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. Flores da escrivaniinha. São Paulo: Companhia da Letras, 1996.

**Palavras-chave: "Lavoura Arcaica". Família. Linguagem Poética.**



**Laureane Antunes dos Santos**  
laureane\_antunes@hotmail.com

Prof. Dr. Vitor Cei Santos  
vitorcei@gmail.com

### **CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O NILISMO EM “HELENA”, DE MACHADO DE ASSIS**

**RESUMO:** O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados parciais da nossa pesquisa de PIBIC, argumentando que no romance *Helena*, publicado por Machado de Assis em 1876, o niilismo aparece configurado na dissolução dos valores senhoriais. A prosa de *Helena* mostra o ser humano como uma criatura irremediavelmente corrompida e sem saída diante de forças que comandam seu destino. Diante da precariedade de sua própria sorte, e da



CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
humanidade em geral, a heroína “dizia que para ela a própria felicidade era um germe de morte e destruição”, revelando o niilismo, isto é, o total e absoluto espírito destrutivo, em relação ao mundo circundante e ao próprio eu. A história de Estácio e Helena, antes que o drama choroso de um amor impossível, é a descrição do período de hegemonia incontestada da classe senhorial-escravista, cuja crise profunda o romancista vivenciara entre 1866 e 1871, e cujo desmanchar ele assistia com olhar investigativo no decorrer da década de 1870. Nesse sentido, além do niilismo como condição psicológica, temos o niilismo como problema de época, configurado na dissolução dos valores senhoriais e no conseqüente desmanchar das políticas tradicionais de dominação. Podemos concluir que o autor de *Helena* cunha um horizonte próprio de discussão do problema filosófico do niilismo, percebendo-o com penetração e constância; mas em lugar de representá-lo apenas superficialmente, como tema, em cenas e falas de personagens, incorpora-o como elemento funcional da composição literária

**Palavras-chave:** Machado de Assis. "Helena". Nihilismo.



**Leoniza Saraiva Santana<sup>1</sup>**  
leoniza.saraiva21@gmail.com  
**Fabiele Stefãni Souza Costa**  
fabielebragado@hotmail.com

### UMA ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DOS PERSONAGENS FEMININOS NO ROMANCE TRÊS CASAS E UM RIO, DE DALCÍDIO JURANDIR

**RESUMO:** O autor nortista Dalcídio Jurandir Ramos Pereira, escritor dos alagados amazônicos, escreveu o conjunto de obras denominado “Ciclo do Extremo-Norte”, que consiste em dez volumes: *Chove nos Campos de Cachoeira; Marajó; Três Casas e um Rio; Belém do Grão Pará; Passagem dos Inocentes; Primeira Manhã; Ponte do Galo; Chão dos Lobos; Os habitantes; Ribanceira*, publicados de 1941 até 1978 que traçam um irretocável

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.

painel da vida amazônica, envolvendo dramas humanos e questões sociais que permanecem atuais. Todos os romances narram a trajetória do personagem principal, Alfredo. Pode-se dizer que Dalcídio Jurandir é um grande escritor, e devido sua vasta criação artística, foi considerado, por alguns críticos literários, um dos maiores romancistas da Amazônia porque rompe com todo formalismo parnasiano, trazendo em seu romance modernista o inconformismo, o compromisso com a crítica social, o regionalismo ficcional que vem mostrar os dramas vividos pelos povos residentes nas ilhas marajoaras. Objetivos: O objetivo deste trabalho é mostrar de forma clara a construção das personagens femininas por um autor que viveu na região marajoara, sabe o que fala e o porquê, isso faz a diferença e traz para o leitor novos elementos da realidade nortista da década de cinquenta (50). Análise do romance regionalista: Na obra *Três casas e um Rio*, estão presentes alguns elementos que contribuem para a construção dos personagens femininos como a submissão, o alcoolismo, o racismo em relação à mulher na leitura dalcidiana. Durante a narrativa percebemos que a figura feminina é um ponto de destaque na crítica de Dalcídio, pois são mães, mulheres simples de um povoado, algumas com complexos aparentes e que às vezes surpreendem porque são comuns, mas que trazem reflexões acerca da figura feminina através dos tempos. Considerações finais: Nesta perspectiva da construção das personagens femininas na visão de Dalcídio, concluímos que ainda persistia, em meados dos anos de 1958, o preconceito racial e de gênero, não somente da parte dos homens, mas também vividos por mulheres que residiam no espaço em que transcorre a narrativa.

Referências:

- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1975.
- JURANDIR, Dalcídio. *Três casas e um rio: romance* – 2. ed. rev. – Rio de Janeiro: Cátedra; Brasília: INL, 1979.
- SOUZA, Laura Olivieri Carneiro de. *Quilombos: identidade e história*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.
- TELLES, Tenório; KRÜGER, Marcos Frederico. *Introdução à Literatura Brasileira*. Manaus: Governo do Estado do Amazonas, 2004.

**Palavras-chave:** Romance regionalista. "Três casas e um Rio". Personagem feminina.



**Lisiane Oliveira e Lima Luiz**  
lisianeoliveira.luiz@gmail.com

Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro  
pmmonteiro2008@gmail.com

**“O SUICÍDIO DA QUINA” DE ONDINA FERREIRA COMO FUGA DA VERGONHA  
EM UMA SOCIEDADE PATRIARCAL**

**RESUMO:** O presente artigo se propõe a analisar o conto “O suicídio da Quina” da autora cabo-verdiana Ondina Ferreira. Neste conto a personagem principal Quina comete contra si mesma um ato de punição por ser acusada pelo marido na noite de núpcias de não ter se casado virgem. O conto inicia com a narradora-personagem inominada contando suas lembranças com a amiga de infância Quina. O sentimento de rejeição, vergonha e difamação fez com que Quina colocasse fim a sua vida, o julgamento negativo das pessoas a colocou em uma situação insuportável e vexatória de impossível superação em uma sociedade patriarcal. Esta história da Quina embasou ilações tendo em vista a perspectiva da Nova História e Hermenêutica do Cotidiano (DIAS, 1994), o patriarcalismo (BONNICI E ZOLIN, 2003) e a subalternidade (SPIVAK, 2006). É nesta perspectiva que buscou-se compreender as pequenas formas de resistência e subsistência da mulher frente a sociedades patriarcais. O conto apesar de ser uma ficção retrata com muita realidade a vida de muitas mulheres que são vítimas de preconceito e difamação em sociedades patriarcais que muitas vezes, por ignorância e insensibilidade cometem verdadeiros absurdos contra as mulheres, levando-as em alguns casos a decisões terríveis como no caso da personagem do conto, o suicídio.

**Palavras-chave:** Conto. Suicídio. "O suicídio da Quina". Ondina Ferreira.



**Luana Jessica Gomes Pagung**  
luana.pagung@outlook.com

Prof. Dr. Vitor Cei Santos Santos  
vitorcei@gmail.com

**"FOI ASSIM QUE ELE MATOU AQUELA-COM-QUEM-ELE-BRINCAVA-  
SEMPRE": UMA ANÁLISE DA TRANSGRESSÃO MORAL DA PERSONAGEM  
FEMININA EM UMA NARRATIVA PAITER SURUÍ**

**RESUMO:** O Brasil possui uma grande diversidade de povos indígenas, dentre eles se encontra a população Paiter Suruí, uma etnia que se localiza em uma região fronteira ao norte do município de Cacoal (estado de Rondônia) até o município de Aripuanã (estado de Mato Grosso). A este povo pertence a narrativa de expressão oral “Um Namorado-Anta”, que compõe o *corpus* da análise. O presente artigo tem por objetivo analisar como a transgressão moral da personagem feminina se estrutura e (re)produz saberes acerca das relações de gênero. A narrativa em questão está contida no livro *Vozes da Origem*, organizado e traduzido pela antropóloga Betty Mindlin. O livro é uma seleção de narrativas provenientes da tradição oral do povo Paiter Suruí contadas em sua língua de origem, Tupi-Mondé, gravadas, transcritas e traduzidas para o português por Betty Mindlin em colaboração com jovens Suruí falantes do português. Para este estudo, a análise foi amparada nas contribuições teóricas da crítica psicanalítica em combinação com a crítica feminista. O percorrer da análise sinaliza que a personagem feminina é representada de forma transgressora como elemento fundamental para compor a moral da história, esse elemento é usado para transmitir a mensagem-chave dos valores e a punição a quem os transgride, reservando à mulher um prenúncio da atribuição de seu gênero. Dessa maneira, pode-se observar a forma como as dimensões sociais são apropriadas pelo fazer literário, sendo a personagem feminina presente na narrativa uma representação da mulher na sociedade Paiter Suruí, tanto quanto a narrativa se mostra uma representação da realidade cultural indígena com a propagação de seus valores.

**Palavras-chave:** Narrativa Indígena. Transgressão Moral. Questões de Gênero.



LILIPO



**Lucineia Ferreira dos Santos**

lucypvh@hotmail.com |

Prof. Dr. Vitor Cei Santos

vitorcei@gmail.com

**CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE O NIILISMO EM “IAIÁ GARCIA”, DE  
MACHADO DE ASSIS**

**RESUMO:** O objetivo desta comunicação é apresentar os resultados parciais da nossa pesquisa de PIBIC, argumentando que no romance “Iaiá Garcia”, publicado por Machado de Assis em 1878, o niilismo aparece configurado na dissolução dos valores senhoriais. O narrador do romance mostra o ser humano como uma criatura irremediavelmente corrompida e sem saída diante de forças que comandam seu destino. Diante da precariedade da sorte de Estela, o narrador afirma que “A vida só lhe dera alegrias médias e dores máximas”. Em relação à personagem-título, ele observa que a “A felicidade tinha um travo de desgosto e humilhação”. Assim, revela o niilismo, isto é, o total e absoluto espírito destrutivo, em relação ao mundo circundante. Embora o niilismo na obra do escritor brasileiro apresente várias afinidades eletivas com o conceito de niilismo europeu tal qual pensado por Nietzsche, ele estrutura-se a partir de questões machadianas específicas que percorrem toda sua obra, do primeiro ao último romance, revelando que o escritor teve uma aguda consciência do caráter complexo é multifacetado da presença do niilismo em seu tempo.

**Palavras-chave:** "Iaiá Garcia". Machado de Assis. Niilismo.



**Manuella Nogueira da Silva**

manu-nog@hotmail.com

**UMA LEITURA DA FÉ NOS POEMAS: “FAITH IS A FINE INVENTATION” E “TO MEND EACH TATTERED”, DE EMILY DICKINSON**

**RESUMO:** O presente artigo tem por objetivo analisar a temática religiosa que perpassa em dois poemas de Emily Dickinson: “Faith is a fine invention” (A “fé” é um ótimo instrumento) e “To mend each tattered Faith” (Há uma sutil agulha que costura), tradução brasileira de José Lira, análise esta que será mais centralizada na questão da fé humana, percebe-se nos poemas um incomodo do eu-lírico em relação ao significado da fé para aquele que necessita dela. Emily Dickinson é reconhecida no cenário da literatura norte-americana por sua obra exprimir uma grande força lírica e abordar temáticas complexas, tais como: natureza, fé/religiosidade, a morte, a vida, o amor, o existencialismo entre outros, além de imprimir em seus versos uma tocante dicção feminina marcada pelo sentimento de encarceramento ao qual as mulheres de sua época eram expostas, pois tinham a vida silenciada. Desta forma, a poesia Dickinsiana, possui um timbre solitário, obscuro e melancólico característico dos sentimentos femininos “aprisionados”. Diante de tantos temas, o referente artigo voltar-se-á para as questões religiosas da fé na poética dos versos de Emily Dickinson, objetivando fazer uma leitura da temática nos poemas já supracitados, sob a luz Teórica de Octávio Paz (2012), Alfredo Bosi (2000), Søren Aabye Kierkegaard (1979) junto a alguns críticos estudiosos da Obra de Dickinson.

**Palavras-chave:** Emily Dickinson. Poesia. Fé. Religiosidade.



**Mauricio Neves Santos**  
Mauricio.neves27@hotmail.com/  
**Monique Santos Pereira**  
moniquepereira13@gmail.com

**A REPRESENTAÇÃO DA MULHER NA OBRA A BRASILEIRA DE PRAZINS**

**RESUMO:** O presente artigo toma como objeto de estudo a representação da mulher na sociedade, tendo o ponto de partida a obra *A brasileira de Prazins* do autor Camilo Castelo Branco. A análise tem como base o desenvolvimento social da mulher do século XIX. Filiando-se no quadro teórico Michelle Perrot e Regina Dalcastagnè, levando em conta a ideologia e a história do Romantismo de Forma interpelada por Camilo Castelo Branco em sua criação. A obra desenvolve-se em um triângulo amoroso entre (Marta Prazins, José Dias e Zeferino de Lameda). Contudo, destaco Marta como a personagem principal desse romance, tornando-a, assim como outras personagens, o corpus deste trabalho, pois dentro desta narrativa a sua voz é reduzida. A pesquisa é distribuída em quatro seguintes pontos: Mulher e sociedade no Romantismo; Mulher estudante; Mulher nas artes; Mulher pelos olhos do amado. Trago um breve contexto da escola literária, social e vestiário das mulheres descritas na obra. Demonstro através desta pesquisa que, o papel da mulher era apenas o de ser doméstica e do lar, sendo ela, inibida a outros papéis dispostos na sociedade. Tendo em vista, o discurso do autor e como ele descreve essa mulher durante e perante a obra, ratificando a presença da mulher na narrativa.

**Palavras-chave:** Feminismo. Romance. Sociedade. "A brasileira de Prazins"



**Mess Lane Araújo de Souza**  
misslane\_samuel@hotmail.com  
**Laura Campos de Oliveira**  
lindalaury@hotmail<sup>2</sup>

### **A ESTRANHEZA DAS RELAÇÕES AFETIVAS NOS CONTOS DE MURILO RUBIÃO**

**RESUMO:** Introdução: O conto como gênero literário utiliza-se na sua estrutura os elementos gerais de uma narrativa, mesmo havendo divergências entre autores sobre os aspectos narrativos, isto é, se tem ou não uma forma única de estruturar o conto. Segundo Gotlib (1985) esses elementos narrativos dentro do conto são reduzidos ao máximo para uma



CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
expressão maior de efeito desejado pelo autor. O presente trabalho tem como objetivo a análise dos contos “*Bárbara*” e “*Flor de Vidro*” a partir da visão sobre as estranhezas das relações afetivas das personagens; estranheza própria à Literatura Fantástica em que são lidos os contos de Murilo Rubião. Análise da obra: O conto narra a história de Bárbara, uma mulher que engorda à medida que seus pedidos são realizados. O esposo de Bárbara, conta o seu sofrimento e condição de sua esposa, mesmo tendo os seus pedidos realizados não demonstra amor ao esposo, ao contrário seu amor é dedicado as coisas ele dava. Amor egoísta, com o tempo os desejos ficam mais caros e difíceis de realizar. No fim do conto o consumismo exacerbado de Bárbara leva a família a uma situação de pobreza e desespero. Já “*Flor de vidro*” é uma história também de amor que talvez não se concretizou, ficando apenas dor e saudade. Eronides ouve o nome de sua amada, não fica claro se foi o apito do trem ou o grito da empregada que invocou a lembrança de Marialice seu inesquecível amor. No sonho ou delírio Marialice chega de trem onde Eronides mora, o conto é remetido ao passado e mistura-se com o presente da narrativa, eles se divertem e correm pelos campos, logo ela retorna e ele a leva na estação. O fim do conto é complexo pois não sabemos de fato se tudo não passou de um delírio ou se ela realmente voltou e reviveram esse amor, as lembranças e saudade o atormentam no presente, podemos pensar em um amor recolhido e mal resolvido. Os contos se relacionam pela afetividade e refletimos sobre alguns sentimentos, no caso de Bárbara o egoísmo, pois ela só pensava em sua satisfação sem reciprocidade o autor critica essas relações, comportamentos instigados por algum sentimento ou interesse. Flor de Vidro nos remete a um amor obcecado que domina e guia a vida.

#### Referências:

GOTLIB, Nadia Battella. Teoria do conto. São Paulo: Ática, 1985.

RUBIÃO, Murilo. Obra completa. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

TODOROV, Tzvetan. Introdução à Literatura Fantástica. São Paulo: Perspectiva, 1975.

**Palavras-chave: Conto. Relação afetiva. Estranheza. Murilo Rubião.**





**Nájila Isabelle Aquino Silva**  
**Jair dos Santos Rabelo Junior**  
**Cristóvão da Silva Neves**

rrobertoisa@Outlook.com/  
jairrpg@hotmail.com

### **ANÁLISE DA OBRA REGIONALISTA DE MÁRCIO SOUZA, *DESORDEM*.**

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar o romance contemporâneo do autor Márcio Souza, *Desordem*, na visão dos relatos de uma personagem feminina estrangeira, que presenciou os fatos ocorridos, tanto na Europa quanto no Brasil. No Brasil, o fato ocorreu exatamente na província do Grão-Pará e Rio Negro. Esses relatos em que se passaram uma década de guerra civil, e que medidas do governo levaram uma progressiva região a um estado de exaustão e miséria. A obra *Desordem* de Márcio Souza, faz parte do segundo volume de uma saga da tetralogia (*Lealdade, Desordem, Revolta e Derrota*), que descreve a destruição e não a construção de um processo regional, segundo o próprio autor discorre, as crônicas são um painel da história da região amazônica na primeira metade do século XIX. Na obra encontramos uma linguagem seca e não mitológica. O autor busca em sua narrativa misturar personagens fictícios com o real, assim permitindo que faça um jogo entre o que aconteceu e o que não aconteceu, entre o que foi história e o que não foi. Ainda, ele discorre no romance as terríveis consequências que tanto na anexação da antiga colônia do Grão-Pará, como a Cabanagem trouxe para a população desta área. Em suma, o autor faz um resgate ficcional daquilo que a história brasileira deixou no esquecimento, a história de luta de um povo das minorias, negros e índios que a muito tempo lutaram em prol de igualdade e justiça.

**Palavras-chave:** Márcio Souza. Relatos. História. "Desordem".



**Nájila Isabelle Aquino Silva;**  
rrobertoisa@Outlook.com

## **“REVOLTA DA CABANAGEM” NO ROMANCE LEALDADE, DE MÁRCIO SOUZA**

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo analisar “A Revolta da Cabanagem” dentro do romance Lealdade do escritor amazonense Márcio Souza. É de extrema importância essa análise para nós aprofundarmos a respeito desse movimento de revolta social ocorrida no Império do Brasil. Lealdade foi publicada em 1997, Marcio Souza engrandece sua obra usando uma linguagem objetiva de fácil entendimento ao leitor facilitando a compreensão do romance, além de usar uma linguagem regionalista típica da época. Nesta obra é retratada a Cabanagem que ocorreu na região Amazônica, no antigo Grão-Pará e Rio Negro, é contada uma ampla e rica história a respeito da antiga província durante o período colonial que vai da Independência do Brasil a Guerra da Cabanagem, que ocorreu entre os anos de 1835 e 1840. Esta guerra recebeu o nome de Cabanagem devido aos cabanos, muitos revoltosos que moravam em cabanas nas margens de rios da região. O autor pôs em sua obra personagens reais, assim permitindo relatar o que aconteceu nessa época, ele ainda discorre no romance, cultura, raça, política e um painel de histórias da região amazônica. Em suma, o autor faz um resgate daquilo que a história brasileira deixou no esquecimento, a história de luta de um povo, das minorias, negros e indígenas que há muito tempo lutaram em prol da igualdade e justiça. No início do Período Regencial, a situação da população pobre do Grão-Pará era péssima, mestiços e índios viviam na miséria total, sem trabalho e sem condições adequadas de vida, os cabanos estavam sofrendo muito com a destruição da cultura regional, eles estavam em uma séria exaustão e miséria. São aspectos dessa natureza que nos instigam a fazermos uma análise literária a respeito do romance “Lealdade” aqui escolhido como objeto de estudo.

**Palavras-chave: Márcio Souza. Romance. Lealdade.**



**Néstor Raúl González Gutiérrez**  
gonzalez2n@gmail.com

## **SATANÁS. A CONSTRUÇÃO DA CIDADE DE BOGOTÁ A TRAVÉS DA MULTIFOCALIZAÇÃO NARRATIVA DE MARIO MENDOZA**

**RESUMO:** O artigo tem como objetivo analisar e indagar a construção simbólica e social da cidade de Bogotá a través das personagens conflitivas e dialogantes da obra *Satanás* escrita por Mario Mendoza, abordando a concepção de violência, medo e perseguição que tecem características psicológicas e sociais que descrevem a vida quotidiana dos moradores da capital colombiana. O texto é dividido em três capítulos abordando a concepção de violência subjetiva proposta por Zizek (2009) que delimita e consolida a narrativa individualizada como manifestação do inconformismo social e que repercute na violência simbólica e local construída por singularidades convergentes. O segundo capítulo aborda o encontro das personagens em planos e espaços subjetivos de convergência idealística que consolidam o transito e a crítica da vida quotidiana das sociedades, o encontro entre o marginal com as particularidades e exigências do sistema que desencadeiam o psiquismo e o inconformismo ideológico e simbólico causado pela cidade, para finalmente, no último capítulo descrever o resultado do processo de tensão e conflito entre a cidade idealizada e a exclusão e segregação das personagens que fogem das regras impostas pela sociedade na voz de um ex-combatente das guerras de Vietnam, uma órfã produto dos conflitos políticos, uma lésbica segregada pela sua orientação sexual e um sacerdote apaixonado e inconformado com as cobranças e tensões do clérigo.

**Palavras-chave:** Violência Simbólica. Literatura e Sociedade. Mario Mendoza.



**Pedro Henrique Rocha Vilarim**

pedro.villarim@gmail.com

Prof. Dr. Vitor Cei Santos

vitorcei@gmail.com

## **RELATO DE UM CERTO ORIENTE: MEMÓRIA, LINGUAGEM E IDENTIDADE**

**RESUMO:** No romance *Relato de um certo Oriente* (1989), de Milton Hatoum, a narrativa se utiliza dos recursos da linguagem e da memória, especialmente a memória afetiva, na busca da construção da identidade, no confronto do passado com o que se perdeu e com o que ainda pode vir, e no mergulho profundo nos elementos que nascem desse confronto. De modo geral, este trabalho pretende examinar as relações entre memória e linguagem como recursos na busca da identidade da narradora principal do romance. A abordagem da temática da memória ampara-se nas teorias de Gaston Bachelard, Henri Bergson e Walter Benjamin, com destaque para a exploração, na obra, da memória afetiva ou relâmpago, aquela que, acionada por um fato espontâneo no presente, como a visão de uma imagem, o aroma de uma fruta, que leva o sujeito a imprimir uma viagem ao passado, em busca de reconstruir um tempo, um espaço, e assim ressignificar o presente, o qual considera incompleto. Os estudos de Walter Benjamin sobre o narrador servirão para explorar a linguagem polifônica do romance, bem como a narrativa de encaixes, em que um narrador passa a palavra a outro, que a repassa a outro, numa estrutura típica da oralidade com a qual a obra em estudo se relaciona. Também será abordada a presença do silêncio, forte característica de vários personagens no romance. Exploraremos ainda as situações de deslocamento vividas pelos diversos personagens, especialmente pela narradora protagonista, que recorre à exploração da imaginação para recriação de memórias e identidades, diante da ausência de um solo fundador em que se apoiar, vez que a casa do passado está em ruínas e as memórias de seu clã não foram preservadas, dificultando seu processo de autoidentificação.

**Palavras-chave: Memória. Linguagem. Identidade.**



LILIPO



Querla Mota dos Santos  
querla2007@hotmail.com

Profa. Dra. Ana Paula Cantarelli  
anapaula.cantarelli@gmail.com

### **OPRESSÃO FEMININA EM DUAS CRÔNICAS DE DINA SALÚSTIO**

**RESUMO:** Este trabalho tem por objetivo fazer o estudo comparativo das crônicas “Foram as dores que o mataram” e “Liberdade adiada”, de Dina Salústio, escritora caboverdiana. As duas narrativas fazem parte do livro *Mornas eram as Noites*, publicado pela primeira vez em 1994. Em “Liberdade adiada”, uma mulher, diante de toda miséria a que está exposta e presa ao papel de mãe, pensa em atirar-se de um abismo como forma de liberdade. No entanto, por amor aos filhos, desiste e volta correndo para casa, ao lembrar do mais novo. Em “Foram as dores que o mataram”, outra mulher, embora afirme várias vezes que não o fez, ao final da crônica, justifica a morte do marido afirmando que ele a fez assassina após todo o sofrimento a que ela era submetida, resultante tanto violência física e emocional lhe imposta pelo esposo, quanto pela sua condição submissa de esposa e de dona de casa. Partindo da intersecção da morte como solução possível para fugir do sofrimento, nas duas crônicas, buscamos discutir a identidade cultural feminina, a fim de verificar como a violência contra a mulher é resultante duma cultura que, ainda, a subalterniza e faz submissa mesmo quando age. Para embasar nossa discussão, pautar-nos-emos nas ideias de Antonio Candido, Stuart Hall, Myrea Suárez, Kahtryn Woodward e Gaytari Spivak.

**Palavras-chave:** Literatura. Identidade Feminina. Dina Salústio.



**Rodrigo Anderson Machado Cavalcante**  
**Everton Mateus Moura Castro**  
**Bruna Wagner**

rodrigomachado17@gmail.com  
evertonmouracastro@gmail.com  
bruna.wagner.sci@gmail.com

## **O OLHAR COLONIZADOR EM A *DECANA DOS MURAS*, ALBERTO RANGEL**

**RESUMO:** A decana dos muros é um dos contos que compõem a coletânea de contos *Inferno Verde*, de Alberto Rangel. Nele, o olhar do narrador descreve o longo trajeto pelos rios amazônicos, até encontrar uma criatura que em primeira instância não consegue descrever, mas que aos poucos vai se revelando ao narrador e ao leitor. A criatura é uma ancestral do antigo povo Mura, dizimado pela ação dos primeiros colonizadores e dos demais estágios de ocupação e exploração da região amazônica. A descrição da mulher segue traços grotescos, como se fosse um monstro, neste sentido, pautaremos a análise deste conto sob o viés da teoria pós-colonial, principalmente no que versa a construção do olhar sobre o outro/colonizado sob a perspectiva do colonizador. Para tanto, nos pautaremos em teóricos como SPURR (2008), BONNICI (2005;2003), SAID (2007) PRATT (1995), entre outros para traçarmos a perspectiva colonial acerca do sujeito colonizado e das estratégias coloniais utilizadas para tal efeito. Por fim, concluimos que assim que a perspectiva do narrador do conto, segue o olhar binário do colonizador, que subjuga através da linguagem o indígena, colocando como criatura menor, monstruosa e caricata. Tal feito, auxilia na desconstrução dos indígenas como seres humanos, colocando-os como objetos e facilitando assim a ação colonizadora, já que se utiliza do não pertencimento dos indígenas ao grupo dos civilizados para justificar sua subversão e consequente dizimação.

**Palavras-chave:** Mulher. Representação indígena. Pós-colonialismo. Estudos Culturais.



**LILIPO**



**Rodrigo Anderson Machado Cavalcante**  
**Wilson Júnior Rodrigues Leal**  
**Everton Mateus Moura Castro**

rodrigomachado17@gmail.com  
rodriguesleal@gmail.com  
evertonmouracastro@gmail.com

**YOLANDA MORAZZO E A EXORTAÇÃO À LUTA CABO-VERDIANA**

**RESUMO:** A poesia da cabo verdiana Yolanda Morazzo é delineada por diversas temáticas, entre elas o saudosismo, a solidão, o amor, temas recorrentes no universo poético feminino, porém a mesma autora que é capaz de trabalhar temas delicados, também aborda a temática da luta política em que seu país emergia para a libertação do colonialismo que afligia sua gente. Neste sentido, buscaremos analisar como a linguagem poética de Morazzo aborda as lutas do povo cabo-verdiano pela libertação em meados da década de 1950-60. Os poemas escolhidos para análise são vertidos em uma linguagem repleta de exortação para a luta, para o incentivo do povo, o que demonstra que a poeta mesmo distante geograficamente, continua ligada a sua terra e dialoga com eles em um momento histórico crucial a partir do único meio que lhe é acessível: a poesia. Em um dos poemas do corpus intitulado *Exortação*, o convite para a luta está implícito, porém o papel do intelectual, do poeta é bastante delineado. Desta forma, Yolanda Morazzo cumpre seu papel de intelectual, de pensadora da cultura e da sociedade, que vê a literatura como arma, como um dos importantes meios para a luta colonial, que também se utilizou da linguagem para colonizar e representar o povo colonizado e silenciado.

**Palavras-chave:** Cabo Verde. Yolanda Morazzo. Colonialismo. Literatura Feminina.



**Sandra Stephanovichi Bresolin**  
sandra.bresolin@hotmail.com

Prof. Dr. Pedro Manoel Monteiro  
pmmonteiro2008@gmail.com

### **EMPODERAMENTO OU ANONIMATO DA MULHER: AS DORES DA LIBERDADE ADIADA, UMA LEITURA DE DINA SALÚSTIO**

**RESUMO:** Empoderamento ou Anonimato da Mulher: “A escrita assegura direitos ou atenua diferenças” são algumas das perguntas que propomos com a pesquisa dos contos “Liberdade Adiada” e “Foram as dores que o Mataram” de Dina Salústio. Através do estudo das



CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.

personagens da obra, analisam-se os objetivos implícitos do texto. A luz das teorias de gênero. A presente pesquisa tem como cerne descobrir a importância da mulher no olhar de escritoras Cabo-verdianas. Quais foram os fatores que influenciaram no processo de Empoderamento feminino? Qual foi a influência da literatura para efetivação da construção da identidade feminina? Essa mulher que busca liberdade, autonomia, igualdade de direitos. Nos contos analisados as protagonistas vivem em situação de conflito entre a tão sonhada liberdade e manutenção dos ideais patriarcais. O conto “liberdade Adiada na frase “Correu deixando o barranco e o sonho de liberdade para trás.” No fragmento da obra é notório o radicalismo com que a figura feminina é sujeitada, abandonando seu querer individual, por ideais marcados pela sociedade. Do mesmo modo podemos observar no conto “Foram as dores que o Mataram” “ Via-o partir e ali ficava horas e dias à espera que voltasse e me trouxesse um riso e a esperança de que as coisas iriam mudar.” O anseio pela mudança, o almejar de tempos melhores a incansável angústia de tempos jamais alcançados, lutas que jamais cessaram. Leis foram criadas, garantias, direitos, contudo mantiveram-se caladas, sujeitando-se aos abusos, sem forças para continuar, tudo estava distante seus sonhos de igualdade cada vês mais inalcançável.

**Palavras-chave: Empoderamento. Liberdade. Mulher. Dina Salústio.**



**Viviane Pereira Laranjeira** Vivianelnjr01@gmail.com  
**Josimar Maciel Cordeiro** Josimarmaciell77@gmail.com

**ANÁLISE DA OBRA “A HORA DA ESTRELA” DE CLARICE LISPECTOR, O  
FLUXO DE CONSCIÊNCIA DA PERSONAGEM MACABÉA E A INJUSTIÇA  
SOCIAL PRESENTE NA OBRA.**

**RESUMO:** A terceira Geração romântica da literatura brasileira teve vários escritores importantes, um deles foi Clarice Lispector, observamos que as obras de Clarice têm um



CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
grande enfoque na subjetividade dos personagens, segundo BOSI (1936 p.424), “Há na gênese dos seus contos e romances tal exacerbação do momento interior que, a certa altura do seu itinerário, a própria subjetividade entra em crise”. De acordo com Bosi percebemos que as Obras de Clarice mostram que o interesse principal não está contido no decorrer do desenvolvimento do enredo, mas em toda repercussão que os fatos tem sobre a consciência das personagens, nessa ótica podemos citar a obra de Clarice “*A hora da estrela*” que tem como personagem principal uma menina nordestina sem nenhuma ambição quanto a seu futuro, e está em construção de identidade, “Nada nela era iridescente, embora a pele do rosto entre manchas tivesse um leve brilho de opala. Mas não importava. Ninguém olhava para ela na rua, ela era café frio”. (LISPECTOR, 1998, p.27), a tolice tornava a protagonista uma criatura que ainda estava à procura de sua identidade num lugar em descompasso com a sua realidade, a adaptação de Macabéa ao ambiente novo e o fluxo de consciência são acontecimentos que estão presente em todo o enredo, tais aspectos nos remete a pensar que a autora busca dialogar com o leitor despertando nele um papel mais ativo , que é de compartilhar a culpa que ela sente e a responsabilidade que tem para com a injustiça social e a alienação simbolizadas por Macabéa.

Referências:

Lispector, Clarice, 1925-1977, *A hora da estrela*. Rio de Janeiro: Rocco,1998. 1ª edição.  
BOSI, Alfredo,1936, *História concisa da literatura brasileira – ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.*

**Palavras-chave: Clarice Lispector. "A hora da estrela". Macabéa.**



## PALESTRAS

### A CIVILIZAÇÃO À BARBÁRIE: ARARIPE JÚNIOR E SILVIO ROMERO, CRÍTICOS D'OS SERTÕES

PROF. DR. FERNANDO SIMPLÍCIO DOS SANTOS (LILIPO/UNIR)

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar os discursos críticos de Tristão de Alencar Araripe Júnior (1848-1911) e de Sílvio Romero (1851-1914), a partir da interpretação que ambos os autores fazem d'*Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha (1866-1909). Em meio a outras pressuposições, parte-se da hipótese de que, com as suas distintas leituras, tanto Romero como Araripe colaboraram para fundamentar a base de futuras análises da obra mencionada, contribuindo, portanto, para introduzi-la no cânon literário nacional. Para a consecução da proposta, utilizam-se como suporte teórico-metodológico textos que investigam a produção dos dois estudiosos, bem como a obra artística de Euclides da Cunha, destacando artigos de Antonio Candido, Alfredo Bosi, Alberto Luiz Schneider, Roberto Ventura, Francisco Foot Hardman, Luiz Roberto Velloso Cairo, entre outros. Nesse sentido, é importante grifar que, por se tratar de um estudo do discurso e dos métodos da crítica literária de fins do século XIX e começo do XX, retomam-se, do mesmo modo, determinadas definições relativas à sociologia da literatura, procurando mapear como Sílvio Romero e Araripe Júnior examinavam a história e a cultura de sua época. Por exemplo, esses dois intérpretes entendiam que as crueldades cometidas no sertão baiano modificariam, profundamente, as concepções políticas e econômicas, vigorantes no Brasil daquele período. Ademais, para eles, era necessário rever a maneira com a qual a leitura de uma obra era composta, já que toda a esperança em torno de temas considerados nacionalistas (muito em voga no transcorrer do século XIX) começaria a passar por um intenso processo distópico. Por conta disso, a “visão positivista do mundo”, fortemente presente em outros textos de Araripe e de Romero, deixa aos poucos de exercer a sua antiga função, sobretudo devido às suas análises d'*Os Sertões*. Sob tal enfoque, ao averiguar as considerações que esses autores tecem em torno do referido livro de Euclides da Cunha, a presente apreciação não permite apenas desenvolver uma reflexão sobre as atrocidades suscitadas no arraial de Canudos, mas, notadamente, revela certos caminhos percorridos pelo pensamento crítico de Araripe Júnior e de Sílvio Romero.

**PALAVRAS-CHAVE:** *Os Sertões*; Araripe Júnior; Sílvio Romero; Euclides da Cunha.



## ENTRE VOOS, ZINCOS E SEREIAS: MARCAS DA COMPOSIÇÃO POÉTICA DE MIA COUTO

PROFA. DRA FÁTIMA MOLINA (UNIR)

**RESUMO:** O objetivo do artigo consiste em analisar os efeitos da paratextualidade em *Vinte e zinco* (1999), de Mia Couto, a partir de uma abordagem sobre os recursos linguísticos empregados pelo autor na composição textual da obra. Pelo aparato que fornecem, os paratextos contribuem para a produção de sentidos pela relação intertextual que mantêm com o contexto histórico encenado no romance. Os pressupostos teóricos de Gerard Genette (2010) fornecem subsídios para a compreensão dos efeitos de sentido que esses “sinais acessórios” fornecem ao texto. A atuação do paratexto, como chave interpretativa, revela que o efeito da paratextualidade se manifesta a partir do olhar que a ficção direciona para o tempo histórico evocado na composição dessa produção literária.

**PALAVRAS-CHAVE:** Paratextos; História; Literatura.

### ABSTRACT

The aim of the article is to analyze the effects of the paratextuality in *Twenty - two* (1999), of Mia Couto, from an approach on the linguistic resources employed by the author in the textual composition of the work. By the apparatus they provide, the paratexts contribute to the production of meanings by the intertextual relationship that they maintain with the historical context staged in the novel. The theoretical assumptions of Gerard Genette (2010) provide insights for understanding the meaningful effects these "accessory signals" provide to the text. The performance of the paratext, as an interpretative key, reveals that the effect of the paratextuality manifests itself from the look that the fiction directs to the historical time evoked in the composition of this literary production.

**KEYWORDS:** Paratexts; History; Literature; Linguistic Resources.

### 1 INTRODUÇÃO

A ficcionalização de distintos momentos que marcaram a História de Moçambique é uma constante na produção literária de Mia Couto. Como um traço da sua criação estética, suas narrativas promovem reinterpretações e dão novos significados a eventos que constituem a trajetória histórica do seu país.

*Vinte e zinco* intitula o romance de Mia Couto publicado em 1999 pela editora Caminho, em razão da data comemorativa dos vinte e cinco anos da Revolução ocorrida em Portugal no dia 25 de abril de 1974, denominada Revolução dos Cravos. Tendo como referência histórica a fase de transição que marcou o fim do fascismo em Portugal e o início de um processo de decadência do colonialismo em Moçambique, o romance recria, nas malhas da ficção, o momento que culminaria, um ano e dois meses depois, na independência do país. Contudo, se para os lusitanos a Revolução dos Cravos simbolizou um ideal de liberdade, para a colônia portuguesa, longe desse ideal, marcou uma fase de transição que despertou uma esperança de liberdade posta no plano do devir.

No entretecer dessa fase de transição, as epígrafes introduzidas na abertura da obra e dos capítulos destacam-se pela dinamicidade que dão ao diálogo interno da narrativa. Considerando esse princípio, a proposta de abordagem deste estudo é analisar a paratextualidade, por meio dos efeitos de sentidos gerados pelas epígrafes numa estrutura temporal que marca um antes e um depois da emblemática data na narrativa.

## **2 O CONTEXTO HISTÓRICO EVOCADO**

A estrutura composicional de *Vinte e zinco* é constituída por elementos que aludem ao cenário político vivenciado por Portugal durante a revolução militar que derrubou o regime ditatorial do Estado Novo, responsável por décadas de extrema repressão política no país e em suas colônias. À frente desse regime, o ditador António de Oliveira Salazar manteve-se no poder de 1933 a 1968, quando foi substituído por seu ex-ministro, que deu prosseguimento a sua política autoritária, até ser deposto no dia 25 de abril de 1974.

Sobre os acontecimentos dessa data, Lincon Secco analisa que os militares saíram às ruas impulsionados a lutar por três objetivos: “[...] pôr fim à ditadura, resgatar o prestígio das Forças Armadas e terminar a guerra Colonial em África, que já estava virtualmente ganha pelos inimigos (os movimentos guerrilheiros de esquerda)” (2005, p. 6). Em volta dessa simbologia de libertação, a Revolução dos Cravos representou para os portugueses a liberdade, o início de uma fase de progresso e desenvolvimento que incluía a descolonização dos territórios ocupados na África. Em ato comemorativo, o povo português saiu às ruas e, num gesto simbólico de agradecimento, distribuiu cravos, a flor nacional, aos soldados. Era a Revolução dos Cravos (SECCO, 2005).

O sentido libertário da data para os portugueses ganha contorno diante das ações empreendidas pelo Estado Novo durante a vigência do regime ditatorial, cujas bases de manutenção eram sustentadas pela PIDE (Polícia Internacional de defesa do Estado) que mantinha controle absoluto sobre suas colônias. Daí a importância dessa instituição repressora se fazer tão presente no cenário e na constituição do enredo em *Vinte e zinco*.

O registro literário do dia 25 de abril estabelece relações de paratextualidade com a História a partir da recriação do mundo vivido e do mundo sonhado entre portugueses e moçambicanos. O mundo vivido pelos portugueses é anunciado por intermédio da voz do narrador no excerto: “Um rádio transmite notícia de Portugal. O locutor fala da Revolução dos Cravos, manifestações de rua em Lisboa” (COUTO, 1999, p. 63). O mundo sonhado pelos moçambicanos pode ser representado pelas palavras da adivinhadora Jessumina: “Este vinte e cinco ainda não é nada. Hão-de vir outros vinte e cincos, mais nossos, desses em que só há antes e depois” (1999, p. 78). O questionamento da personagem sobre sentido da celebração desestabiliza a ideia de versão única, pois gera a possibilidade de haver outra versão para o mesmo episódio inscrito na história.

Em *Vinte e zinco*, a troca de “cinco” por “zinco” sinaliza para a possibilidade de haver um outro lado da história, a ficção cria espaço para a versão daqueles para quem a Revolução não significou um momento de celebração. Conforme analisa Benjamin Abdala Junior: “Perduram as limitações do zinco dos tempos coloniais – uma marcação simbólica, que aponta para as carências do referente econômico-social” (2013, p. 305). Após essa data, durante muito tempo Moçambique viveu em meio a resistências e lutas por uma liberdade vindoura. Nesse sentido, Jane Tutikian destaca:

A ideia de independência perpassa toda a narrativa, não para construir um discurso apolégico sobre a pátria, mas para construir sua história e uma outra história (a de um outro 25 de abril, o que virá) em que a voz dos ex-cêntricos, dos marginalizados do poder, dos humildes seja ouvida, em que, portanto, a identidade não seja forjada e imposta pela voz dos poderosos e, mais do que isso, guardando os privilégios dos poderosos. Daí as sequências e imagens problematizadoras, expondo as contradições a partir de uma escrita às margens da história. (TUTIKIAN, 2006, p.85).

Portanto, são vozes que também ecoam nos paratextos utilizados na moldura narrativa do romance, especialmente nas epígrafes de autoria dos personagens. Dessa forma, as epígrafes configuram-se recursos linguísticos que previamente delineiam o tom que será dado

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
à encenação dessa fase de transição na narrativa. Arquitetado nesse contexto enunciativo, *Vinte e zinco* faz referência a um devir poeticamente encenado pela ficção, metonimicamente evocado pelo título e intensificado nas epígrafes que compõem o espaço textual da obra.

### 3 O RECURSO LINGUÍSTICO DAS EPÍGRAFES

A paratextualidade em *Vinte e zinco* é marcada pela heterogeneidade intertextual. Uma das formas de materialização desse recurso evidencia-se por meio do emprego das epígrafes presentes nas páginas introdutórias, bem como na abertura de cada capítulo do romance.

O conceito de paratextualidade que fundamenta este estudo é empregado a partir das reformulações teóricas de Gérard Genette, sustentadas no princípio da intertextualidade em *Palimpsestos* (2010) e em *Paratextos Editoriais* (2009). Sob a perspectiva de Genette, a noção de intertextualidade é inserida como objeto da poética e compreende uma das dimensões do que ele conceitua de transtextualidade. Nas palavras do autor: “Eu diria hoje, mais amplamente, que este objeto é a transtextualidade, ou transcendência textual do texto, que definiria já, grosso modo, como ‘tudo que coloca em relação, manifesta ou secreta com outros textos’” (GENETTE, 2010, p. 13). A transtextualidade compreende cinco tipos de relações textuais designadas por Genette: intertextualidade, paratextualidade, metatextualidade, hipertextualidade e a arquitextualidade. Apesar da especificidade de cada tipo, não se trata de classes estanques, mas de relações que podem manter certa comunicação ou intersecção no texto.

Interessa-nos, sobretudo, o segundo tipo de transtextualidade apontado por Genette, ou seja, a paratextualidade, por constituir-se a partir da relação que a obra mantém com seu paratexto. Segundo o autor, a paratextualidade é definida

pela relação, geralmente menos explícita e mais distante, que, no conjunto formado por uma obra literária, o texto propriamente dito mantém com o que se pode nomear simplesmente seu paratexto: título, subtítulo, intertítulos, prefácios, posfácios, advertências, prólogos, etc.; notas marginais, de rodapé, de fim de texto; epígrafes; ilustrações; *release*, orelha, capa, e tantos outros tipos de sinais acessórios, autógrafos ou alógrafos, que fornecem ao texto um aparato (variável) e por vezes um comentário, oficial ou oficioso, do qual o leitor, o mais purista e o menos vocacionado à erudição externa, sem nem sempre pode dispor tão facilmente como desejaria e pretende. (GENETTE, 2010, p. 15).

Sob essa configuração, os paratextos servem de mote, antecipam e condensam sentidos do texto que antecedem. É um perfil de atuação que corresponde ao recurso adotado

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
por Mia Couto em *Vinte e zinco*, onde diferentes vozes são evocadas para as epígrafes, contribuindo, assim, para a produção de sentidos na narrativa.

Em *Paratextos Editoriais* (2009), Genette define a epígrafe como uma citação colocada na borda da obra, perto do texto, ressaltando que lugar é o mais próximo do texto. No início, no final ou as epígrafes de capítulos sempre carretam uma mudança de função.

A respeito desse recurso, Vera Maquêa aponta para os efeitos que tal emprego provoca na narrativa: “Ao orquestrar a pluralidade de vozes que compõem o romance, o autor – como consciência organizadora do texto – amplia o espaço narrativo nas sintéticas e poéticas epígrafes, reais ou inventadas” (2013, p. 167). Com vistas a apreender os liames entre a narrativa e as epígrafes, Tiphaine Samoyault (2008) aborda sobre as operações de colagem realizadas entre o texto principal e o intertexto no que tange à atuação da epígrafe no processo de composição da moldura narrativa: “A colagem da frase acima do texto, na abertura, faz ao mesmo tempo aparecer uma separação (graças ao branco que dissocia o intertexto e o texto) e uma reunião [...] A ligação se faz sempre pelo sentido, mas ela pode ser precisa ou mais difusa”. (SAMOYULT 2008, p. 64).

No apoio dessas formulações, há o entendimento de que os excertos selecionados por Mia Couto interligam-se à temática desenvolvida em cada capítulo, pois desvelam os sentidos que perpassam o diálogo intertextual entre o texto e as epígrafes. Dá lume a essas relações o que Samoyault denomina de efeito de filiação, que corresponde a uma convocação do autor para que essas diferentes vozes o auxiliem na produção de sentidos segundo a proposta de tematização do romance.

Ao ressaltar a rede dialógica criada pelos “discursos epigráficos”, Carmem Lúcia Tindó Secco (1999) aponta para o fato de que tais discursos criam um intertexto, posto que criticamente revelam um lugar de denúncia do medo e do ódio:

As epígrafes, tanto as colocadas no pórtico do livro, como as que encabeçam cada capítulo, formam uma rede dialógica, cuja textualidade apresenta uma dicção a contrapelo, funcionando como um contraponto crítico da estória e da história. Tal artifício narracional torna o romance polifônico, na medida em que retira do narrador em terceira pessoa a hegemonia da voz e estabelece um foco narrativo múltiplo, cuja eficácia é a de revelar pontos de vista divergentes, os quais apontam para a crise pela qual passava o sistema colonial moçambicano nos estertores do regime salazarista. (SECCO, p. 112, 1999).



Marcadas por esse traço dialógico, as epígrafes em *Vinte e zinco* são constituídas tanto por fragmentos extratextuais, quanto por excertos dos escritos da personagem Irene, provérbios e ditos de autoria dos personagens que dão sustentação ao enredo.

### 3. A PARATEXTUALIDADE NA COMPOSIÇÃO DO ESPAÇO TEXTUAL

Há duas epígrafes introduzidas nas páginas de abertura de *Vinte e zinco*. A primeira é ficcionalizada, de autoria da adivinhadora Jessumina: “Vinte e cinco é para vocês que vivem nos bairros de cimento. Para nós, negros pobres que vivemos na madeira e zinco, o nosso dia ainda está por vir” (COUTO, 1999, p. 5). É uma fala atravessada pela ideia de distinção entre o que significou a celebração da data para os portugueses e o que verdadeiramente representou para os moçambicanos.

Com efeito, instaura-se nesse processo alusivo uma relação de ordem paratextual das epígrafes com o romance, pois é para a cisão por ela anunciada que concorrem os elementos da narrativa. A autoria fictícia, pertencente a um personagem de intensa articulação no romance, é um possível indicativo da conectividade que o paratexto mantém com a narrativa e esta com o evento histórico.

A segunda epígrafe de abertura é constituída pela citação:

Nas plantações de cana-de-açúcar, o senhor maltratava o escravo, mas receava o ódio deste. Ele tratava-o como besta de carga, mas temia os ocultos poderes que lhe eram imputados. Quanto maior era a subjugação dos negros, mais eles lhe inspiravam medo. [...] Talvez alguns escravos se tenham realmente vingado sobre os seus tiranos – mas o medo que reinava nas plantações tinha origem em mais profundas camadas da alma – era a feitiçaria e o mistério de África que perturbavam o sono dos senhores da “casa grande.” (COUTO, 1999, p. 6).

Trata-se de um excerto extraído da obra *Voodoo in Haiti*, do etnólogo Alfredo Metraux (1959), cuja temática versa sobre relação de poder e medo que envolve o senhor e o escravo. É um enunciado que serve de mote à ação desenvolvida em *Vinte e zinco*, a partir complexa relação de poder e medo que permeia o convívio entre colonizador e colonizado dentro da marcação temporal sobre a qual se estrutura a obra. Condizente com a perspectiva apresentada por Metraux, em *Vinte e zinco*, poder e medo não operam suas forças de forma unilateral, não é apenas o opressor que detém o poder de gerar medo no oprimido, mas este também usa de artifícios capazes de gerar medo no opressor:

– Outra vez o pesadelo?

Lourenço nem responde, ocupado em respirar. O suor desenrola-se, um líquido lençol o recobre.

– Os tambores. Não os ouve?

– Era um batuque, mas já parou há algum tempo.

– Mas eu continuo a ouvir, mãe.

[...]

– Esse gajo é que faz isto tudo, mãe.

– Disparate, filho.

– Acredite em mim, eu conheço essa gente.

[...]

– Isto só pode ser feitiço da pretalhada. (COUTO, 1999, p. 10-11).

O medo que perturbava o sono dos senhores na citação de Metraux tinha sua origem nos mistérios da África e nos rituais de feitiçaria, conforme especifica o autor. Esse mesmo teor de manifestação do medo pode ser observado na atuação do representante da PIDE em *Vinte e zinco*. No papel de opressor, o personagem Lourenço de Castro tem seu sono perturbado pelo som dos tambores, anúncio do poder dos moçambicanos, simbolizado, no contexto ficcional, pelos rituais de magia por eles praticados. Essa proximidade temática torna evidente a ressonância do enunciado da epígrafe no texto do romance.

A definição de Antoine Compagnon, em *O trabalho da citação* (1996), auxilia a compreender a função que exercem as epígrafes ao serem posicionadas nas páginas introdutórias da obra:

Na borda do livro, a epígrafe é um sinal de valor complexo. É um símbolo (relação do texto com um outro texto, relação lógica, homológica), um índice (relação do texto com um autor antigo, que desempenha o papel de protetor, é a figura do doador no canto do quadro). Mas ela é, sobretudo, um ícone, no sentido de uma entrada privilegiada na enunciação. (COMPAGNON, 1996, p. 120).

Dessa forma, ao ocuparem o espaço das páginas de abertura, geram efeitos de sentido mais abrangentes, ultrapassam os limites do capítulo inicial, relacionam-se com o todo da narrativa. Os atributos apresentados na citação conferem às epígrafes introdutórias a função de paratextos, pois antecipam a perspectiva pela qual o contexto histórico será entretido na ficção, de forma a projetar as questões que irão se sobressair por meio dos elementos da narrativa.

Os acontecimentos históricos são entretidos na estrutura de *Vinte e zinco* a partir da marcação temporal de doze dias, de 19 a 30 de abril, datas que também intitulam os capítulos. Para a análise foram selecionadas as epígrafes introduzidas na abertura dos capítulos que antecedem o dia 25 e a epígrafe de abertura do capítulo 30, que finaliza a encenação do

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
evento histórico. Sob essa estrutura, os confrontos entre brancos e negros, colonizador e colonizados, os conflitos identitários, o sonho de liberdade são temáticas que desvelam a cesura de significados em torno das ações marcadas pelos dias que precedem e sucedem o dia 25 de abril.

Na composição da trama narrativa, também ganham destaque as referências intertextuais dos cadernos da personagem Irene. Das páginas de seus cadernos foram retiradas as epígrafes para a abertura de cinco capítulos correspondentes aos dias que antecedem a Revolução: 19, 20, 21, 22 e 24 de abril. O resgate dos escritos de Irene para a composição da moldura narrativa revela um trabalho de transposição cujo efeito é a antecipação do romance, condicionada à perspectiva dos escritos da personagem. A estratégia do autor de recorrer ao material da própria narrativa para a composição do texto caracteriza, segundo a denominação de Genette (2010), um processo de auto ou intratextualidade, uma forma de transtextualidade que consiste na ação de um texto remeter-se a si mesmo.

O primeiro capítulo, “19 de Abril”, é antecedido pela inscrição retirada dos cadernos de Irene: “*O torturador necessita da vítima para criar verdade nesse jogo a duas mãos que é a fabricação do medo*” (COUTO, 1999, p. 7). A relação paratextual que se estabelece entre a epígrafe e o conteúdo do capítulo centra-se na atuação de Lourenço de Castro, uma representação da repressão colonizadora na narrativa. Trata-se de uma figura atravessada pela loucura, que se manifesta em um estranho comportamento, revelador de uma neurose infantil. Sua insanidade revela-se, ainda, no ódio que alimenta pelos negros e pelo pavor que sente dos feitiços por eles praticados. A personagem é um veículo canalizador dos intentos de dominação do regime colonial e dos seus violentos métodos repressivos.

Elaborados sob o duplo contorno de poder e medo, os papéis de colonizador e colonizado revelam, assim, os lugares por eles ocupados no momento histórico encenado. Se há a superioridade e o repúdio do branco em relação aos negros, em contrapartida, há a reação destes não por meio da violência ou do visível, mas na manifestação de suas crenças. Alicerçado nessa ambiguidade, o poder traduz certa fragilidade frente ao desconhecido e, em suas formas de significação cultural, configura-se num mecanismo de resistência do colonizado e numa ameaça à tirania do colonizador.

Serviu de epígrafe para o segundo capítulo, dia “20 de Abril”, um fragmento do diário de Irene parafraseando Simone de Beauvoir: “*Ninguém nasce desta ou daquela raça. Só depois nos tornamos pretos, brancos ou de qualquer outra raça*” (COUTO, 1999, p. 12). A

presença do pensamento da filósofa nos escritos de Irene pode ser interpretada como o indicativo de uma linha de conexão entre a autora da frase e o perfil da personagem no romance. As duas mostram-se mulheres à frente do seu tempo, mobilizadas pelo comprometimento com as questões sociais da época em que vivem.

Os escritos de Irene refletem sobre as condições da existência humana num tempo marcado pela opressão, dor e morte. Sua personalidade é assim descrita pelo narrador: “O tempero da alma de Irene se revelara desde que ela desembarcara em Moçambique. Irene chega a Pebane sem modos de ocupadora, [...]” (COUTO, 1999, p. 26). Personagem sem fronteiras, Irene contraria todo padrão de comportamento de quem estava do outro lado da situação. Todos esperavam que sua identidade correspondesse à sua origem portuguesa, branca e colonizadora.

Mantendo uma correlação com o enunciado da epígrafe, o capítulo delinea a rebelde atuação da personagem frente à imposição da família que lhe proíbe envolvimento com os negros: “Em Moçambique, a jovem Irene se descaminhara, exilada do juízo e das maneiras. Se misturara com os negros, dera licença a rumores e vergonhas. Procedimentos que despergaminhavam a honra familiar” (1999, p. 13). O excerto é uma evidência da paratextualidade que o capítulo mantém com a epígrafe que previamente faz referências a uma identidade híbrida.

Dedicado à história do cego Andaré Tchuisco, o capítulo do dia “21 de Abril” traz como mote a epígrafe: “*A cegueira é ver o nada: o não ver nada é a morte*” (COUTO, 1999, p. 19). O enunciado tem uma possível relação com a condição do personagem que, embora sendo cego, tem o dom de enxergar além do que todos conseguem ver: “[...] o que ele via eram futuros” (1999, p.19). Devido à desenvoltura do cego em realizar feitos impossíveis para quem era desprovido de visão, Lourenço de Castro alimentava suspeitas do seu envolvimento na libertação dos negros que se aliavam aos guerrilheiros na luta contra os interesses dos portugueses nas colônias. Responsável pela tarefa de ocultar as marcas das torturas que manchavam de sangue as paredes da prisão, o cego era uma vítima a serviço das obsessões do agente da PIDE.

Compõe o cenário do dia “22 de Abril” a figura do revolucionário Marcelino, namorado de Irene. Envolvido com as questões políticas do país, o personagem é torturado e sucumbe à morte na prisão por ter travado uma intensa luta contra o regime colonial, em favor da independência. Tal atuação é evocada pela inscrição da epígrafe que faz a abertura do

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
capítulo nas palavras: “*A vida é infinita. Mas nada é tão enorme quanto a morte*” (COUTO, 1999, p. 26). A contraposição apresentada pela epígrafe entre a invencibilidade da morte e a intensidade da vida estabelece uma relação com a história da vida do personagem, que, embora tenha vivido intensamente na luta por um ideal de liberdade, não resistiu ao poder da morte. Por meio da sua atuação, são revelados os sentidos construídos na representação de um tempo marcado pela dominação colonial, bem como o que era concebido, sob a ótica desse sistema, como pátria, raça, justiça e liberdade.

A tradição oral deixa sua marca com o dito do cego Andaré Tchuisco na abertura do capítulo do dia “23 de Abril”: “*Deus fez a árvore para que o homem não sentisse medo do tempo*” (COUTO, 1999, p. 36). Com a utilização desse recurso, o autor reitera um dos princípios norteadores de sua composição literária que se materializa na forma de provérbios atribuídos aos seus personagens. Perpassados pela subjetividade de seus autores, esses ditos, em suas rasuras e inversões, produzem efeitos de sentido orquestrados segundo a proposta enunciativa de cada capítulo.

Sob essa perspectiva, são das palavras “árvore” e “medo” que germina todo o significado do capítulo, elas são o eixo norteador das ações dos personagens, logo, da relação paratextual que se instaura entre o enunciado da epígrafe e a narrativa. Essa rede de significados é tecida com a celebração do encontro entre a portuguesa Margarida e a adivinha Jessumina, simbolizando o encontro entre duas culturas, duas raças e dois poderes. O encontro também é revelador das marcas indeléveis deixadas pela presença do colonizador nas representações identitárias do colonizado. O que motiva a portuguesa ir em busca dos conselhos da adivinha é o medo: “– Quero saber o que se passa em minha casa. Tenho medo” (COUTO, 1999, p. 40). Intermediando o início e o término do encontro, está a maçanqueira, a imponente árvore assume o papel de mediadora entre o espaço da casa dos portugueses e a África. É a maçanqueira que dá o conforto e o alento aos temores da personagem. O medo dos acontecimentos do presente bem como o medo das previsões do futuro é o sentimento que contorna a relação de intertextualidade da epígrafe com a temática desenvolvida no capítulo.

No capítulo do dia “24 de Abril”, véspera da Revolução dos Cravos, consta a seguinte inscrição: “*Já não carecemos de igreja: o mundo inteiro se converteu numa imensa igreja. De joelhos, arrebanhados até ao sonho, aceitamos a qualquer preço isso a que chamam de redenção*” (COUTO, 1999, p. 46). É a última epígrafe retirada dos cadernos de Irene. Sua relação com o texto do capítulo retoma o princípio pontuado por Samoyault (2008) de que a

ligação entre os textos se dá sempre pelo sentido, podendo processar-se de forma mais precisa ou, como nesse caso, mais difusa. A introdução da epígrafe, portanto, funciona como um limiar para a extensão do sentido no capítulo.

Projetada numa imagem paradoxal, a presença da guerra vem associada à igreja, que tem sua entrada resguardada por um canhão posto quando surgiram rumores de invasão da vila pelos guerrilheiros. É o narrador quem dá o desfecho para a bizarra ocupação bélica concluindo: “A guerra é vaidosa: se ostenta mesmo nos lugares onde se diz ser exclusiva moradia da paz” (1999, p. 49). Inserida nesse cenário, a igreja ironiza o lugar que o sagrado ocupa nesses tempos de guerra que antecedem a independência no romance. A onipresença da guerra põe em evidência a perda dos limites entre territórios, fazendo com que o espaço do sagrado, na função de preservar a paz, perca sua razão de ser.

A utilização de elementos da História revela-se agora com o marco da Revolução, cuja celebração é representada no capítulo do dia “25 de Abril”, introduzido com a epígrafe: “*Toda a terra ficará branca com a luz das estrelas e o céu será engolido pelas andorinhas*” (COUTO, 1999, p. 58). Trata-se de uma frase de Shaka Zulu, líder africano, chefe da tribo Zulu no século XIX. Extraída de um contexto externo à ficção, ao ser inserida no espaço da escrita ficcional, exerce a mesma função das ficcionalizadas, ou seja, auxilia na apreensão dos sentidos construídos pelo capítulo.

A ligação entre a epígrafe e o momento encenado pelo texto constitui-se a partir dos possíveis efeitos da queda do Regime suscitados pela trama narrativa, tais como a permanência da opressão colonial, a reação dos moçambicanos e a esperança de liberdade que segue o rastro da Revolução.

A notícia da Revolução chega pelo rádio. O anúncio e o contexto da recepção são descritos no excerto:

– Na rádio dizem que houve um golpe de Estado, caiu o regime. Regime? Qual regime? Para ele não havia um regime. Havia Portugal. A pátria eterna e imutável. Portugal uno e indivisível. O visitante repetiu, como se duvidasse que o outro o tivesse entendido.

– Foi um golpe, houve um golpe em Lisboa! (COUTO, 1999, p. 60).

A interferência do narrador revela a reação de incredulidade de Lourenço de Castro que evolui para um estado de ruína e pânico. Traduzem esse estado, as metáforas descritivas da passagem: “Durante os tantos anos, seu pai disputou as nuvens como um pássaro. Agora

ele tombava, fulminando por nada a não ser o não haver céu” (COUTO, 1999, p. 60). A imagem remete ao enunciado da epígrafe, pois sugere a chegada da remissão daqueles que foram oprimidos e mortos pelo regime.

Na epígrafe de abertura do capítulo final do dia “30 de Abril”, o autor convoca a voz do personagem Marcelino: “*Nossa tristeza é a seguinte: ganhamos sem nunca chegarmos a ser vencedores*” (COUTO, 1999, p. 90). O enunciado estabelece uma possível relação com o registro dos acontecimentos finais, dentro da marcação temporal dos doze dias que estruturam o romance. É o momento de desfechos, quando os negros são libertados da prisão e ocorre o assassinato de Lourenço de Castro. A morte do Pide pode ser compreendida como uma representação da derrota do sistema de repressão colonial no espaço africano, porém não correspondeu à liberdade plena, conforme anuncia a epígrafe.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

*Vinte e zinco* traz uma proposta de repaginação do acontecimento histórico da Revolução dos Cravos contornada pela crítica, pela ironia, pela dúvida e pela desconstrução de certezas, possibilitando, assim, que diferentes perspectivas sejam engendradas no enredo da obra.

Na identificação dos recursos linguísticos, a paratextualidade revelou-se como um importante articulador das vozes que, em suas diferentes representações discursivas, atuam nos efeitos de sentido da história encenada. Constituídos por ditos de autoria dos personagens, por excertos extratextuais ou produzidos pela própria ficção, como os cadernos da personagem Irene em *Vinte e zinco*, os paratextos que compõem essa moldura narrativa servem de liame para os sentidos produzidos nas ações de cada capítulo.

A singularidade no emprego desses recursos está nas conexões de sentido que se instauram entre as epígrafes e a representação de um tempo de vigência do sistema opressor colonial em fase de transição para a independência. Portanto, para além de uma marcação cronológica de término, os enunciados das epígrafes apontam, sobretudo, para a vigência de um sistema repressor que adia o sonho de liberdade. Dessa forma, os efeitos da colonização ainda se fazem presentes por meio de diferentes formas de dominação e de poder. Insegurança e temor são sentimentos que marcam esse tempo de transição. O enunciado das epígrafes revela que, embora se vislumbre a independência, o ideal de liberdade ainda é um sonho distante.



## REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, Benjamin. Doze dias de Abril sob teto de zinco. In: CAVACAS, Fernanda; CHAVES, Rita; MACEDO, Tania (Org.); Mia Couto: um convite à diferença. São Paulo: Humanitas, 2013.

COMPAGNON, Antoine. O trabalho da citação. Trad. Cleonice Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1996.

COUTO, Mia. Vinte e zinco. Lisboa: Editorial Caminho, 1999.

GENETTE, Gérard. Palimpsestos: a literatura de segunda mão. Trad. Cibele Braga. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

MAQUÊA, Vera. A palavra habitada de Mia Couto. In: CAVACAS, Fernanda; CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (Org.). Mia Couto: um convite à diferença. São Paulo: Humanitas, 2013. p. 167-179.

SAMOYAULT, Tiphaine. A intertextualidade. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SECCO, Carmem Lúcia Tindó Ribeiro. Alegorias em abril: Moçambique e o sonho de um outro vinte e cinco (uma leitura do romance Vinte e zinco, do escritor Mia Couto). Via Atlântica, n. 3 dez. 1999.

SECCO, Lincon. 25 de Abril de 1974: A revolução dos cravos. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2005.

TUTIKIAN, Jane. Velhas identidades novas: o pós-colonialismo e a emergência das nações de língua portuguesa. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2006.



## SKANDALA E A FALÁCIA DO MAL MENOR DESDE AUGUSTO

### MONTERROSO E O "MONÓLOGO DO MAL"<sup>1</sup>

PROF. DR. MARCUS VINICIUS XAVIER DE OLIVEIRA (UNIR)

**RESUMO:** O presente trabalho, que segue a forma de ensaio, objetiva, desde uma perspectiva transdisciplinar, ler duas fábulas do escritor hondurenho Augusto Monterroso – A Ovelha Negra e O monólogo do mal – como chaves de interpretação para dois conceitos de Hannah Arendt – skandala e a falácia do mal menor -. Nesse sentido, o presente trabalho busca, através de uma interlocução entre literatura latino-americana, filosofia política e direito, compreender o atual momento em que vive, sem qualquer constrangimento, uma pedagogia do medo, cujo principal objetivo é derrocar, desde as próprias bases da sociedade contemporânea, os institutos forjados sobre os direitos humanos e a democracia.

**Palavras-chave:** Transdisciplinariedade, Literatura-Filosofia-Direito, Pedagogia do Medo, Falácia do Mal Menor, Direitos Humanos e Democracia; Skandala and Arendt's Evil Minor Fallacy for the fables "The Black Sheep" and "The Monologue of Evil" by Augusto Monterroso. A Transdisciplinary Reading.

**ABSTRACT:** The present work, which follows the form of the essay, aims, from a transdisciplinary perspective, to read two fables by the Honduran writer Augusto Monterroso – “The Black Sheep” and “The Monologue of Evil” - as interpretative keys of Hannah Arendt’s concepts of skandala and evil minor fallacy . In this sense, the present work seeks, through an interlocution between Latin American literature, political philosophy and law, to understand how, without any constraint, a pedagogy of fear becomes actual and it can be able to overthrow the very bases of contemporary society, forged on human rights and democracy.

**KEYWORDS:** Transdisciplinarity, Literature-Philosophy-Law, Pedagogy of Fear, Fallacy of Evil Minor, Human Rights and Democracy; Skandala and Arendt's Evil Minor Fallacy for the fables "The Black Sheep" and "The Monologue of Evil" by Augusto Monterroso. A Transdisciplinary Reading.

---

<sup>1</sup> Este artigo foi publicado na Revista Labirinto A. XVII, v. 27, 2017, pp. 75-88, após a sua apresentação no 2º COEL, o que simplesmente atesta a qualidade das apresentações do evento e que, em muito, atesta a qualidade do evento.

## **I. Introdução e o Problema do Método:**

No presente trabalho pretendo pensar e discutir sobre um campo que tenho estudado desde já há algum tempo, a saber, a interlocução entre literatura, no presente caso, latino americana, filosofia e direito, e que desde uma perspectiva metodológica é caracterizada pela transdisciplinariedade, opção metodológica que me parece bastante útil e eficaz para a dissolução de determinados problemas, mormente por se adotar, como ponto de partida, o status filosófico de determinadas obras literárias.

Nesse sentido, as fábulas de Augusto Monterroso, assim como tantas obras literárias que ganharam o status de “casos filosóficos”, como *Bartleby*, *Uma História de Wall Street*, de Herman Melville, os contos de Kafka, os poemas de Paul Celan, 1984, de George Orwell, e que podem ser assumidas como paradigmas do governo biopolítico, em que o exercício do poder político se exerce não somente pelo monopólio da força física (vis absoluta), mas principalmente pelo monopólio do discurso e de seu significado histórico, caracterizado, pois, pela anomia, pela matabilidade da vida humana e pela pedagogia do medo.

Vejamos, pois, algumas características desse método e a razão de eu tê-lo escolhido para enfrentar a interlocução proposta.

Vivemos numa época em que a palavra “crise” ganhou o status de palavra de ordem que está a legitimar aquilo que poderíamos denominar de excepcionalidade normalizada. Fala-se de crise para, mais do que explicar, justificar e tornar incontestáveis a adoção de determinadas práticas e/ou políticas que, não fosse a estrutura semântica e política do conceito, não cogitaríamos em nenhuma hipótese em nos submeter. Em outros termos, crise identificará, ao mesmo tempo, um julgamento orientado por aquele acrônimo geralmente atribuído a Pierre Bourdieu - T.I.N.A (“There Is No Alternative”) (BAUMANN, 2006, p. 217)-, mas que na verdade foi inicialmente usado pela então Primeira Ministra inglesa Margaret Thatcher para justificar a implementação de políticas neoliberais e a derrocada de direitos sociais, mas também uma palavra de ordem idêntica àquela que se atribui a Frederico Guilherme II em resposta ao *sapere aude* kantiano: “pensem o quanto quiser desde que obedçam” (ROVIGHI, 2002, p. 590).

Esta percepção é confirmada pela origem do vocábulo crise, que provém do grego *krisis* (vocábulo κρίσις, in M. PABÓN, 1967), cuja utilização primeiramente pertencia à arte médica: no curso do tratamento, ao médico chegava um tempo de *krisis*, de julgamento, isto é,

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
de tomar uma decisão acerca da sobrevivência ou não do paciente. Da arte médica, o conceito passou à teologia cristã para identificar o tempo da parousia (παρουσία), da segunda vinda, com a qual se consumará a história humana em seu momento crítico, isto é, de julgamento.

Nestes dois contextos, e nos que se seguiram em variados campos até chegarmos ao momento presente de economicização absoluta da vida e da política, crise identifica um momento de deficiuim, de resolução, de consumação, de julgamento e, portanto, de decisão sobre a exceptio, isto é, sobre aquilo que está, ao mesmo tempo, dentro e fora do ordenamento jurídico. E por vivermos num período de crise contínua, o seu uso é o canal de normalização da excepcionalidade política (AGAMBEN, 2004; AGAMBEN, 2012).

Portanto, a compreensão da realidade em que vivemos demanda mais do que um método interdisciplinar, um método transdisciplinar.

Com efeito, a exata compreensão de nossa época exige muito mais do que o referencial habitual que um trabalhador do direito costuma utilizar, isto é, teorias e normas jurídicas, construídas, por obviedade, a partir de uma postura interdisciplinar que poderia ser assim caracterizada: ao se buscar interpretar determinado fenômeno em seu “contexto” com vistas à aplicação da norma jurídica, o trabalhador do direito sai de seu locus de teorias e normas jurídicas, apreende o significado no campo de outras disciplinas – v.g. sociologia, antropologia, filosofia política etc -, e uma vez apreendido o significado, abandona àquelas caixinhas e volta para o quadro usual de teorias e normas jurídicas que passam a ser interpretadas com o auxílio daqueles referenciais.

Com isso, portanto, nega-se, de um lado, a complexidade da realidade vivida – afinal, existiria uma autonomia quase absoluta entre as caixinhas -, e de outro lado mantem-se a ilusão de uma interpretação adequada, pela qual a resposta encontrada é a única possível, ou uma das possíveis, porquanto pretensamente contextual.

Contra esta compreensão equivocada de autocontenção/compreensão da realidade em disciplinas autônomas que se comunicam somente se, e desde que, o intérprete decida sair de seu âmbito de trabalho, a transdisciplinariedade nos impõe uma tarefa muito mais árdua, por suposto, mas também mais adequada à conjunção entre texto/contexto/interpretação: por ser a realidade complexa, como complexa é a vida humana em todas as suas manifestações, texto e contexto tomam parte de uma realidade multifatorial em que a autonomia disciplinar-metodológica faz-se em pedaços (RESTA, 2004, pp. 9-19) e assume um status análogo a um campo de força, ao redor do qual gravitam todas formas e modos dispostos pela razão humana

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
para se tentar compreender a realidade vivida, isto é, transita-se, sem mais, e não só interage-se (AGAMBEN, 2008, pp. 11-34).

E para demarcar, desde já, o campo de força desse nosso minicurso, digo-o logo: a pessoa humana não em sua individualidade, mas como humanidade, conceito que conjumina todas as pessoas e seu ambiente por meio de seus direitos inalienáveis na seguinte ideia: coisas têm valor, isto é, preço; a pessoa humana tem dignidade, independentemente de qualquer outro fator econômico, psíquico, físico ou social que se possa utilizar para demarcar a pluralidade humana tal como compreendida por Hannah Arendt, segundo a qual ninguém foi, é ou será igual a outra pessoa (ARENDR, 2005, pp. 31-83. Nisto consiste não a alteridade (a diferença entre pessoas e coisas ou entre coisas), mas a outredade, isto é, a diferença existencial que nos giza, e por isso todos temos dignidade, e não um preço. Sobre este tópico, Agambem, discorrendo sobre o conceito filosófico da amizade, assim se manifesta, esclarecendo a diferença entre alteridade e outredade:

O amigo é, por isto, um outro si mesmo, um heteros autos. Na sua tradução latina, alter ego, esta expressão tem uma longa história, e aqui não é o lugar para se fazer a sua reconstrução. Contudo, é importante verificar que a formulação grega é mais expressiva do que os ouvidos modernos conseguem perceber. Em primeiro lugar, o grego, assim como o latim, tem dois termos para identificar a outredade: allos (lat.: alius), e que identifica a generalidade dos outros, enquanto que heteros (lat.: alter) é a outredade como uma oposição entre dois, como heterogeneidade. Além disso, o latim ego não traduz exatamente autos, que significa “si mesmo”. O amigo não é um outro Eu, mas uma outredade imanente em si-mesma, e que se manifesta em outro ser. No momento em que eu percebo o prazer de minha existência, minha percepção é atravessada por uma percepção concorrente que a desloca e transporta-a para o amigo, na direção do outro ser. A amizade é esta dessubjetivação presente no coração da mais íntima autopercepção (AGAMBEN, 2014, p. 322).

Assim, e somente para demarcar, mais um vez, a base de discussão transdisciplinar que propus, pessoas têm dignidade (são mais do que diferentes entre si, são Outros), coisas têm valor (e por isso, são absolutamente diferentes à qualquer pessoa).

## **II. As bases da interlocução**

Pois bem. Escolhi como base para a interlocução proposta duas fábulas do escritor hondurenho Augusto Monterroso, que ficou bastante conhecido no Brasil por seu nanoconto intitulado O Dinossauro, cuja composição, em pouco menos de dez palavras, tem o seguinte conteúdo: “Quando acordou o dinossauro ainda estava lá”, nanoconto este que se aproxima, em sua sinteticidade e genialidade àquele já conhecido que, dizem, Ernest Hemingway compôs à mesa de um café de Paris: “Vende-se: sapatinhos de bebê nunca usados”.

Desde que este nanoconto foi publicado no Brasil, aumentou o número de autores brasileiros que o tomam por paradigma de uma literatura que, abdicando das grandes narrativas, centra-se na comunicação de uma obra que exige, absolutamente, a participação do leitor para ganhar inteligibilidade dada a sua natureza supersintética.

Contudo, como dito, não discorrerei sobre nano ou microcontos, dos quais, para ser muito sincero, nada sei, mas sobre duas fábulas presentes no livro de Augusto Monterroso “La Oveja Negra y Demás Fábulas”, inicialmente editado em 1969 na Ciudad de México, intitulados “Monólogo do Mal” e “A Ovelha Negra” (MONTERROSO, 1998).

Escolhi estas fábulas por que, assim me parece, elas nos fornecem uma chave de leitura de alguns textos de Hannah Arendt, principalmente aqueles pertinentes ao mal na política, compendiado por esta autora em seus dois livros Eichmann em Jerusalém. Um relato sobre a Banalidade do Mal (ARENDR, 1999) e Responsabilidade e Julgamento (ARENDR, 2004), no qual ela propõe uma correção de prumo a respeito do significado dessa expressão que causou tanto estupor quando do lançamento daquele primeiro livro.

Somente para situar algumas coincidências bibliográficas entre os dois autores: tanto Monterroso como Arendt foram, por motivos vários, sujeitos submetidos à imigração forçada e à apatridia.

Arendt em razão de sua condição de judia e decorrente da perseguição nazista desencadeada contra essa minoria étnica na Alemanha já a partir de meados da década de 30, exilou-se em Paris com o seu primeiro marido, o filósofo Günther Anders, mas que, em razão da invasão da França pela Alemanha em 1940, e o desencadeamento de semelhante perseguição pelo governo de Vichy, após o seu aprisionamento no Campo de Gurs, e ter logrado obter visto humanitário para se exilar nos Estados Unidos junto com seu segundo marido Heinrich Blücher, onde, após aprender a língua inglesa exercendo a atividades de cuidadora de idosos e se destacar na atividade jornalística, fez carreira como professora

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1. universitária, tendo optado somente na década de 50, pela sua naturalização estadunidense (ADLER, 2005, pp. 135-168).

Já Monterroso, embora nascido em Honduras, exilou-se ainda criança com seus pais, também motivado por perseguição política, na Guatemala, muito embora tenha residido desde muito jovem e falecido na Ciudad de México, posto ter tido que também exilar-se da Guatemala por motivos de perseguição política, nada obstante tenha se naturalizado guatemalteco ainda adolescente.

Trata-se, como vocês podem ver, de dois exilados cujas obras, por expressas referências dos mesmos, foram profundamente influenciadas pela experiência de não poderem pertencer às suas sociedades de nascimento, constituindo-se, nesse sentido e por antonomásia, em pessoas na expressão mais ampla e cabal da palavra (ARENDR, 1989, pp. 303-324; AGAMBEN, 2013, pp. 33-50).

E por quê? É que, sendo a titularidade dos direitos humanos em sua etapa puramente estatocêntrica vinculada à nacionalidade, a perda desse direito implicava eo ipso na perda de todos os demais direitos, em especial os políticos e civis, tornando a pessoa assim afetada, e para usarmos uma expressão de Walter Benjamim, numa vida nua.

Em outros sentidos, conforme sustentado pela própria Hannah em seu A Origem do Totalitarismo, em especial no famoso capítulo 5: a pessoa humana, em sua expressão mais própria e pura, é o exilado, posto que destituído de todos os demais direitos, exceto a própria dignidade ínsita à pessoa humana (ARENDR, 1989, pp. 303-324).

### **III. O Mal Menor e a Matabilidade das Ovelhas Negras**

Conforme já dito, a primeira fábula de Augusto Monterroso que pretendo ler como chave de interpretação para o mal na política é intitulado “Monólogo do Mal”, assim vazado:

Un día el Mal se encontró frente a frente con el Bien y estuvo a punto de tragárselo para acabar de una buena vez con aquella disputa ridícula; pero al verlo tan chico en Mal pensó: “Esto no pude ser más que una emboscada; pues si yo ahora me trago el Bien, que se ve tan débil, la gente va a pensar que hice el mal, y yo me encogeré tanto de vergüenza que el Bien no desperdiciará la oportunidad y me tragará a mí, con la diferencia de que entonces la gente pensará que él si hizo bien, pues es difícil sacarla de sus moldes mentales consistentes en que lo que hace el Mal está mal y lo que hace el Bien está bien”. Y así el Bien se salvó una vez más.



A tradução em português feita por Ana Bela Almeida, publicada em 2008 pela Editora portuguesa Angelus Novus, foi assim registrada:

Um dia o Mal encontrou-se face a face com o Bem e esteve a ponto de o engolir para acabar de uma vez por todas com aquela disputa ridícula; mas ao vê-lo tão pequenino o Mal pensou: “Isso só pode ser uma emboscada; pois se eu agora engolir o Bem, que se encontra tão fraco, as pessoas vão pensar que fiz mal, e eu vou encolher-me tanto de vergonha que o Bem não desperdiçará a oportunidade e engolir-me-á a mim, com a diferença de que nesta altura toda a gente pensará que ele fez bem, pois é difícil arrancá-la aos seus moldes mentais consistentes de que o que o Mal faz é mau e o que o Bem faz é bom”.  
E assim o Bem se salvou mais uma vez. (MONTERROSO, 2008).

Confesso que a primeira vez que li esta fábula senti como se tivesse levado um punch bem na boca do estômago, tamanho o impacto que ele me provocou, especialmente porque ainda mal iniciara meus estudos em filosofia política e encontrava-me profundamente influenciado pelos dois autores aos quais mais admiro nesse campo, Hannah Arendt e Giorgio Agamben, cujas obras, se mal digeridas, nos podem levar a crer na existência do Mal absoluto em política<sup>2</sup>.

E o que causou tamanho impacto? O fato profundamente prenhe de significados políticos e morais de que o Mal em política nunca é radical ou absoluto, mas somente banal, que é um conceito que precisa ser mais bem desenvolvido.

O mal, em sentido político, nunca é radical ou absoluto porque ele não tem raiz em um fundamento último que lhe dê fundamentação racional e lhe permita constituir-se em um projeto a ser comungado e implementado pela comunidade humana – é baseado no senso comum e/ou no uso instrumental de prejuízos, falácias políticas e preconceitos -, bem como não tem a capacidade de consumir – engolir na expressão de Monterroso – o bem, isto é, de exaurir, na facticidade histórica, todo o seu projeto destrutivo e aniquilador. Como já dito em outra oportunidade, quando se analisou o problema do projeto político jihadista de Bin Laden, Jacques Derrida afirmou que

---

<sup>2</sup> Essa ideia fica bastante evidente na entrevista que Roberto Esposito deu para o Jornal Clarín quando de sua visita à Argentina, em 206: “*Para Agamben, diferentemente de Foucault, a biopolítica não é um fenômeno essencialmente moderno, mas sim que nasce com a política ocidental. Coerentemente, Agamben não estabelece nenhuma diferença – como o faz Foucault – entre soberania e biopolítica. Para ele, a biopolítica é a expressão mais intensa da superposição entre direito e violência que constitui a forma excludente do bando soberano*”. ESPOSITO, Roberto. **Toda filosofia es em sí política**. Entrevista a Edgardo Castro, **Clarín**, suplemento Cultura, em 03 de dezembro de 2005, disponível em <http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2005/03/12/u-936812.htm>, acessado em 20.05.2005, às 23:00:00.

[...] entre a total negatividade inerente ao terrorismo e a verbosidade característica das relações internacionais, é bastante claro que somente a busca por um aperfeiçoamento das instituições internacionais, do princípio democrático, da política como forma de solução pacífica dos conflitos é que se poderá, de fato, reforçar os parâmetros de assecuração à dignidade humana, e isto não será encontrado de forma alguma do lado de bin Laden. E isto não por uma recusa prévia e irrefletida, mas sim por se constatar que “[...] tais ações e tal discurso não se abrem para futuro algum e a meu ver não têm futuro [...] Não ouço qualquer promessa vindo de “bin Laden”, pelo menos nenhuma para este mundo” (DE OLIVEIRA, 2014, 2012).

Assim, o Mal em política é somente banal, isto é, deriva, segundo a compreensão de Hannah Arendt, da incapacidade de os seus agentes pensarem, refletirem (ARENDR, 1999, Pós-Escrito) e se colocarem no lugar do Outro enquanto uma outredade que exige e demanda aquele ato político radical que denominamos de reconhecimento (BORRADORI, 2004, pp. 123), nesse trabalho compendiado na distinção pessoas têm dignidade, coisas valor.

Para ficar mais claro o que entendo por mal em política: abduco completamente de pensá-lo na forma daquele Mal metafísico que nos fala a teologia contido no conceito de pecado e personalizado em Satã e seus anjos caídos; desse conceito que se ocupem os teólogos.

Ocupo-me somente daqueles comportamentos que, segundo o atual estado de nosso processo civilizacional, são impossíveis e inadmissíveis de serem compartilhados no espaço público ou de se constituírem em projetos de poder legítimos, posto ter por meta não a inclusão de todas as pessoas, mas a exclusão, mesmo a eliminação física e/ou moral, ou de minorias ou da maioria da população dos padrões de vida boa e digna.

O mal em política, portanto, é todo discurso ou comportamento que se não adegue àqueles projetos civilizacionais, muitos ainda somente no papel ou limitados em sua eficácia por aquilo que os nazistas denominavam de estado de exceção desejado (AGAMBEN, 2004, p. 14), e que estão albergados nos conceitos de Direitos Humanos e de Democracia.

E que hoje o discurso que deslegitima não ao Mal em sentido político mas os Direitos Humanos e a Democracia seja compartilhado por um número cada vez mais amplo de setores em todas as sociedades, e não só na brasileira, nos demonstra que aquele conceito de banalidade, de incapacidade de reflexão e de pensamento que nos falava Hannah Arendt se constitui no grande signo de nossas sociedades incultas e profundamente egoístas, na medida em que o valor essencial da Democracia tem sido paulatinamente substituído pelo de consumo, de espetáculo, de opulência e desigualdade social.

Hannah Arendt relembra em *Responsabilidade e Julgamento* que Kant, ao buscar responder àquela velha inquisição romana “fiat justitia perat mundus” (deve o mundo perecer para que a justiça seja feita?), com o seguinte argumento: se a justiça perece, a vida humana na terra perde o seu significado (ARENDD, 2004, p. 115)<sup>3</sup>, e por justiça, em sentido político, devemos entender a luta política e emancipatória contidas nesses dois grandes projetos civilizacionais, Direitos Humanos e Democracia, que são interdependentes e complementares.

Deveríamos, portanto, nos perguntar sobre a razão pela qual o Bem encontra-se tão chico, que é um topos importante do “Monólogo do Mal”.

Para tanto, vejamos o mal político retratado por Monterroso na sua fábula “A Ovelha Negra”:

La Oveja Negra

En un lejano país existió hace muchos años una Oveja negra.

Fue fusilada.

Un siglo después, el rebaño arrepentido le levantó una estatua ecuestre que quedó muy bien en el parque.

Así, en lo sucesivo, cada vez que aparecían ovejas negras eran rápidamente pasadas por las armas para que las futuras generaciones de ovejas comunes y corrientes pudieran ejercitarse también en la escultura (MONTERROSO, 1998, p. 25).

Numa tradução aproximada:

A Ovelha Negra

Em um país distante, faz muitos anos, existiu uma Ovelha negra.

Foi fuzilada.

Um século depois, o rebanho, arrependido, levantou-lhe uma estátua equestre que ficou muito bem no parque.

Assim, depois disso, a cada vez que apareciam ovelhas negras, elas eram rapidamente passadas pelas armas para que as futuras gerações de ovelhas comuns também pudessem exercitar a escultura.

Essa fábula, assim me parece, representa à sociedade o momento em que vivemos, no qual viceja a proliferação de discursos e práticas incompatíveis com aqueles projetos civilizacionais de que falamos acima – Direitos Humanos e Democracia, e que podem ser identificadas, por exemplo, no problema das imigrações (i)legais e das (im)políticas de exílio que o mundo tem vivido não somente em razão dos conflitos bélicos que se têm espalhado

---

<sup>3</sup> “Wenn die Gerechtigkeit untergeht, hat es keinen Wert mehr, dass Menschen auf Erden leben” (Apud ARENDT, 2004, p. 115).

pelo mundo, mas também em decorrência do aumento da pobreza causada pelas assimetrias econômicas, das violações contínuas e sistemáticas dos direitos humanos realizadas pelos governos de todos os Estados e de problemas climático-ambientais relacionados à desertificação, a falta de acesso à água, produção de alimentos, à gentrificação das cidades etc, fatores estes que têm empurrado cada vez mais um número infinito de pessoas a buscarem novos sítios fora de seus países, em especial nos desenvolvidos, os quais, por motivos que todos sabemos, se fecharam em copas, suscitando a produção de imagens e políticas de proteção da fronteira que pensávamos ter sido sepultadas com “plus jamais çá” enunciado desde a “descoberta” de Auschwitz.

É como, portanto, se o “çá” antes negado se constituísse, na verdade, na única assinatura perene da história humana, dada a sua contínua repetição, como se a única certeza que podemos dela haurir é que, em algum momento, alguéns serão mortos violentamente ou abandonados a sua própria sorte, pondo em suspensão, ou mesmo revogando, qualquer traço de civilidade que nós entendemos como sendo a essência de nossa alteridade em relação às demais espécies animais.

Acontece que nenhuma política autoritária ou totalitária é eficaz sem uma pedagogia do medo. E não o medo de um fato concreto, real, atual ou iminente – isto diz respeito à imprevisibilidade da vida -, mas um medo incutido, curtido, promovido politicamente, em que se faz temer o Outro mediante a sua exclusão do gênero humano.

Sabemos que a palavra bárbaro provém do grego barbaros (βάρβαρος), que em seu étimo se reporta a onomatopeia bar-bar, isto é, o som que os gregos ouviam, mas não entendiam, quando um xenos lhes falava em sua língua materna. Se o lugar originário da pessoa humana é a linguagem, negar que o Outro tenha uma linguagem é o mesmo que lançá-lo na categoria dos animais, que conforme Aristóteles, falam, mas não têm linguagem (ARISTÓTELES, 2004, p. 146).

Mas não basta assimila-lo às bestas, é preciso representa-lo, imageticamente, enquanto tal. E somente uma vez operada não uma dessubjetivação, mas uma completa animalização do Outro, é que a pedagogia do medo logra operar eficácia e ganhar foros de verdade e de adesão dos “protegidos”.

Kafka, em seu conto “Na Construção da Grande Muralha da China” (KAFKA, Vol 1, 1984, pp. 1239-1280), assim representou esta pedagogia do medo. Nessa obra ele nos narra, através de um narrador que somente depois se identificará como um dos tantos trabalhadores

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
que trabalharm na construção da Muralha da China, as diversas circunstâncias políticas, morais, psicológicas, pedagógicas, técnicas etc que envolveram a execução dessa obra de engenharia militar que tem 8850 quilômetros de extensão e com, em média, 7 metros de altura, e que demorou mais de 2 mil anos para ser concluída. Engenharia militar porque desde o início consigna-se que a finalidade declarada era a de impedir a invasão da China pelos bárbaros do norte.

Portanto, trata-se, de uma narrativa em primeira pessoa. Mas que tipo de pessoa nos relata esse fato? E em que momento? O narrador é um contemporâneo ao início das obras, e se identifica, sem mais, como um dos milhares de trabalhadores que despenderam sua força de trabalho em favor do projeto engendrado pelo Imperador.

Mas por qual motivo e com quais procedimentos e práticas políticas foi possível convencer os súditos a se abraçarem e se lançarem na construção da Muralha da China. Para isso foi necessário muito mais do que uma determinação imperial de se fazer a muralha. Foi necessária a instituição de uma pedagogia do medo, do terror, em que o Outro é sempre o bárbaro, o medonho, o perigoso, que é assim representada:

“Do que nos ia proteger a Grande Muralha? Dos povos do Norte. Eu venho do Sudoeste da China. Nenhum povo do Norte nos ameaça. Lemos as histórias antigas e as crueldades que esses povos cometem seguindo os seus instintos, [o que] nos fazem suspirar sob as nossas pacíficas árvores. Nos desenhos oficiais dos pintores vemos a esses rostos cruéis, essas faces abertas, essas mandíbulas cingidas de dentes pontiagudos, esses olhinhos entornados que parecem buscar uma carne fraca para o brilho de seus dentes [...] Mas isto é tudo o que sabemos desses homens do Norte. Nunca os vimos e se permanecermos em nossa aldeia não os veremos jamais, ainda que resolvessem se precipitar por sobre nós sob o largo galope de seus cavalos selvagens... a terra é demasiadamente vasta e não os deixaria aproximar-se... sua corrida se destroçaria no vazio.”

Chegados a esse ponto torna-se, pois, necessário, dar um fechamento ao tema e buscar, quem sabe, uma saída.

#### **IV. *Skandala*: a quem tomamos por exemplo?**

Um ponto central com o qual insistirei é esse: pessoas têm dignidade, e não preço. Isto quer significar, doutro passo, que nenhum atributo é apto a qualificar alguém acima dos outros, ou a sua falta em fazê-lo perder sua estatura de humano, pois dignidade humana significa isso: todas as pessoas, apesar de suas diferenças, são indivíduos a quem se deve assegurar o standard mínimo para uma vida digna: vida, liberdade, igualdade, honra etc. E é

para assegurar este mínimo, que em nosso atual contexto é o máximo do máximo, que internacionalmente se proclamaram inúmeros tratados internacionais de direitos humanos, e em nível interno declarações de direitos fundamentais.

Contudo, se esses direitos e fundamentos civilizacionais estão submetidos à ineficácia querida e consentida, bem como expostos à morte, na forma daquilo que poderíamos designar como a “matabilidade” das ovelhas diferentes, prova, doutro passo, que a pedagogia do medo tem funcionado de forma muito mais eficaz na era da globalização do que em tempos passados. E a grande calamidade não é somente humana, mas principalmente ética e moral, na medida em que produtos – coisas – têm livre trânsito nas fronteiras, coisas que, como dito, têm preço, mas jamais dignidade.

Pessoas têm dignidade, mas se chocam contra os muros; coisas têm preço, mas circulam livremente por entre fronteiras. Mas se a pessoa for reduzida à condição análoga à de escravo – portanto, coisificada -, não há fronteira que impeça a sua inserção no regime de exploração que a criminalidade transnacional executa. E é isso o que significa a construção de muros, a vida nua reduzida a uma coisa desmerecida e menos valiosa que um produto, ou reificada como um produto.

Mas isso, doutro passo, somente será possível se, em âmbito interno, isto é, em nossas ideias, concordarmos todos de que pessoas têm dignidade, e não as coisas. Mas como pensar e agir de forma diversa?

Mais uma vez é a Hannah Arendt em quem me socorro para tentar dilucidar esse problema.

Segundo ela, trata-se de um problema de exemplos a que seguimos, isto é, de modelos e paradigmas comportamentais que escolhemos, consciente ou inconscientemente, para nos espelhamos e adotarmos comportamentos idênticos, do que decorre, caso essa escolha recaia em sujeitos históricos ou fictícios sabidamente maus, naquilo que ela denomina de skandala, um vocábulo grego riquíssimo em significados morais, teológicos e político, e que também pode ser compreendido com o sinônimo “pedra de tropeço”.

Diz-nos Hannah Arendt, com quem os deixo refletir: “Se somos confrontados com dois males, assim reza o argumento, é nosso dever optar pelo menor, ao passo que é irresponsável nos recusarmos a escolher [...] [Dá-se que] A aceitação de males menores é conscientemente usada para condicionar [...] a aceitar o mal em si mesmo” (ARENDDT, 2004, pp. 98-99), uma vez que

Tentei mostrar que as nossas decisões sobre o certo e o errado vão depender de nossa escolha da companhia, daqueles com quem desejamos passar a nossa vida. Uma vez mais, essa companhia é escolhida ao pensarmos em exemplos, em exemplos de pessoas mortas ou vivas, reais ou fictícias, e em exemplos de incidentes passados ou presentes. No caso improvável de que alguém venha nos dizer que preferiria o Barba Azul por companhia, tomando-o assim como seu exemplo, a única coisa que poderíamos fazer é nos assegurarmos de que ele jamais chegasse perto de nós [...] [Pois] A partir da recusa ou da incapacidade de escolher os seus exemplos e a sua companhia, e a partir da recusa ou incapacidade de estabelecer uma relação com os outros pelo julgamento surgem os skandala reais, os obstáculos reais que os poderes humanos não podem remover porque não foram causados por motivos humanos ou humanamente compreensíveis. Nisso reside o horror e, ao mesmo tempo, a banalidade do mal (ARENDDT, 2004, p. 212).

Hannah Arendt afirma que entre os gregos, a partir do momento em que se constituíram as polei, ao homem livre era dado duas ordens de vivência. A oikia, a casa, e a polis, a cidade. Naquele vivia-se o que era próprio a qualquer pessoa (idion), e nessa aquilo que era comum (koinon) a todos os homens livre: a vida livre e igualitária propiciada pela política (ARENDDT, 2005, pp. 31-37).

Que as palavras não nos enganem. De idion derivou idiota, que para os gregos seriam aqueles homens incapazes de transcenderem a vida do lar e viverem a vida comum da polis. Nesse sentido, toda pedagogia do medo, que implique na aceitação do mal em política e na matabilidade dos diferentes, será, por definição, idiota, posto padecer de qualquer fundamento racional que lhe permita se constituir num projeto aceitável e que somente dispersa a ideia inversa à banalidade do mal, qual seja: que pessoas, todas as pessoas, têm dignidade, e não preço.

### Referências

ADLER, Laure. **Nos Passos de Hannah Arendt: Biografia**, 3 ed., trad. Tatiana Salem Levy e Marcelo Jacques, Rio de Janeiro: Record, 2007.

AGAMBEN, Giorgio. **Estado de Exceção**, trad. Iraci D. Poleti, São Paulo: Boitempo, 2004.

\_\_\_\_\_, DELEUZE, Giles, PARDO, Jose Luis. **Preferiria no hacerlo. Bartleby el escribiente de Herman Melville, seguido de tres ensayos de Bartleby**, trad. Jose Luis Pardo, Valencia: Pre-textos, 2005.

\_\_\_\_\_. **Signatura Rerum**: Sul Metodo, Torino: Bollati Boringhieri, 2008.

\_\_\_\_\_. **Deus não morreu. Ele tornou-se dinheiro**. Entrevista com Giorgio Agamben, trad. Selvino Assmann, Revista IHU On-Line, 30.AGO.2012, disponível em <http://www.ihu.unisinos.br/noticias/512966-giorgio-agamben>, acessado em 30.AGO.2012, às 23:12.

\_\_\_\_\_. **Política do Exílio**, trad. Marcus Vinícius Xavier de Oliveira, in DANNER, Leno Fernando, DANNER, Fernando (Orgs). **Temas de Filosofia Política Contemporânea**, Porto Alegre: Fi, 2013, pp. 33-50.

\_\_\_\_\_. **O Amigo**, trad. Marcus Vinícius Xavier de Oliveira, in DE OLIVEIRA, Marcus Vinícius Xavier. **Guerra ao Terror: Da Biopolítica à Bioguerra**, Porto Alegre: Fi, 2014, pp. 315-323.

ARENDDT, Hannah. **Origens do Totalitarismo: Anti-Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo**, trad. Roberto Raposo, São Paulo: Cia das Letras, 1989.

\_\_\_\_\_. **Eichmann em Jerusalém: Um Relator Sobre a Banalidade do Mal**, trad. José Rubens Siqueira, São Paulo: Cia das Letras, 1999.

\_\_\_\_\_. **Responsabilidade e Julgamento**, trad. Rosaura Eichenberg, São Paulo: Cia das Letras, 2003.

\_\_\_\_\_. **A Condição Humana**, trad. Roberto Raposo, Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

ARISTÓTELES. **Política**, in **Os pensadores**, s/ed., trad. Therezinha M. Deutsch, Rio de Janeiro: Abril Cultural, 2004.

BAUMANN, Zygmunt. **How to be a Sociologist and a Humanist? Sociology as a Vocation in Liquid-Modern Times**, in ELIAESON, Sven. **Building Democracy and Civil Society East of the Elbe: Essays in Honour of Edmund Mokrzycki**, London: Routledge, 2006.

BENTO, António. **“I would prefer not to” – Bartleby, a fórmula e a palavra de ordem**, disponível em <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bento-antonio-bartleby.pdf>, acessado em 12.DEZ.2005, às 01:00.

BORRADORI, Giovanna (Org). **Filosofia em tempo de terror: diálogos com Habermas e Derrida**, trad. Roberto Muggiati, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

ESPOSITO, Roberto. **Toda filosofia es em sí política**. Entrevista a Edgardo Castro, **Clarín**, suplemento Cultura, em 03 de dezembro de 2005, disponível em <http://www.clarin.com/suplementos/cultura/2005/03/12/u-936812.htm>, acessado em 20.05.2005, às 23:00:00.

KAFKA, Franz. **Obras Completas**, Vol. 1: Novelas, Cuentos, Relatos, trad, D. J. Vogelmann, Madri: Editorial Planeta, 1984.

M. PÁBON, José. **Diccionario Manual Griego: Griego Clássico-Español**, Madri: Vox, 1967.

MONTERROSO, Augusto. **La Oveja Negra y Demás Fábulas**, 2 ed., Madri: Alfaguarra, 1998.

\_\_\_\_\_. **A Ovelha Negra e Outras Fábulas**, trad. Ana Bela Almeida, Coimbra: Angelus Novus, 2008.

RESTA, Eligio. **O Direito Fraternal**, trad. Sandra Regina Martini Vial, Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2004.

ROVIGHI, Sofia Vanni. **História da Filosofia Moderna: da Revolução Científica a Hegel**, 3 ed., trad. Marcos Bagno e Silvana Cobucci Leite, São Paulo: Loyola, 2002.



## A POÉTICA DE ARMÉNIO VIEIRA

PROFA. DRA. RAQUEL APARECIDA DAL CORTIVO (FAPEAM/UFAM/USP)

Agradeço imensamente o convite e parabenizo a toda a equipe, mas principalmente o Uryelton pelo empenho e pelos resultados alcançados na organização desse evento. Eu sei das dificuldades que encontramos quando nos propomos a realizar tais atividades. Então, Uryelton, parabéns e obrigada!

Passo, então, agora ao texto que preparei que é parte do meu trabalho de doutorado que propõe uma leitura comparada das poéticas de Corsino Fortes, Arménio Vieira e Filinto Elísio, compreendendo-as numa relação dialética no que tange à aderência ao espaço cabo-verdiano em seus aspectos sociais e/ou simbólicos. Assim, se Corsino Fortes representa o polo positivo desse pêndulo dialético, aderindo e representando o espaço geográfico, histórico, social, cultural cabo-verdiano, Arménio Vieira representa o polo negativo, ou seja, afasta-se deste mesmo espaço, de maneira que poucos poemas fazem referências a Cabo Verde; ao passo que Filinto Elísio oscila entre situar-se nas ilhas e estar fora delas. Assim, partindo principalmente dos elementos espaciais propus uma comparação entre os três autores.

Para hoje, contudo, faço um recorte e focalizo minha fala na obra de Arménio Vieira que se afasta dos motivos locais e sociais, recolhendo-se na intimidade de uma obra densa e introspectiva, revelando não só o labor do escritor, mas também o vigor do leitor que é.

Penso que uma das chaves de leitura para a obra de Arménio Vieira seja esta: a figura do poeta leitor. Antes de mostrar como isso aparece em sua poética, apresento o poeta:

Arménio Adroaldo Vieira nasceu em 1941, na cidade da Praia, Ilha de Santiago, recebeu em 2009 o maior prêmio concedido a autores de Língua Portuguesa: o Prêmio Camões. Publicou seu primeiro poema no **Boletim de propaganda e informação**, em 1960, mas não o considera exatamente o começo, conforme se depreende da declaração do autor a Michel Laban: “esse poema ainda não..., bom, era um arranque” (LABAN, 1992, p. 505).

Em 1959, segundo relato a Michel Laban, ocorre o despertar da consciência política, que lhe acarretaria “um problema terrível” (1992, p. 506): a prisão em 1961, o abandono dos estudos pela impossibilidade de conseguir uma bolsa após ter sido preso e a obrigatoriedade do serviço militar. Por outro lado, no ano que passou na prisão, teve contato com “poemas que não conhecia”, Manuel Bandeira e os neorrealistas portugueses, quando “experimenta” escrever poesia.

Considera seus primeiros poemas, três poemas publicados em Angola, quando saiu da prisão, em 1963, na revista Mákuá. Neste mesmo ano, Onésimo Silveira sugere que escreva poemas em crioulo, o que resultou, tempos depois, em alguns poemas na língua cabo-verdiana, publicados em diversas antologias.

Exerceu outras atividades, mas é antes de tudo escritor: poeta e ficcionista. Foi ajudante de meteorologista, professor de português e jornalista (GOMES; CAVACAS, 1997, p. 66).

José Vicente Lopes assim nos apresenta o poeta:

Dotado de um espírito rebelde, influenciado pelos anarquista e surrealistas, com a independência, Vieira se vê diante de alguns dilemas de natureza moral, política e profissional. Tinha sido meteorologista e detestara a experiência; tentara dar aulas no Liceu da Praia mas a correção e a avaliação das provas escritas provocavam-lhe dores de cabeça; no jornalismo, queria distância da política; de modo que foi escrevendo sobre o desporto até que encerra a carreira [...], saturado e desgostoso com o que andavam a fazer à língua de Fernando Pessoa, um dos seus poetas preferidos (LOPES, 1996, p. 589-590).

Apesar de sua mobilização por causas nacionais, após uma viagem feita à extinta URSS, em 1977, afasta-se e recusa-se a assinar o cartão de militante do PAIGC (Partido Africano para a Independência de Guiné e Cabo Verde). Nesse período, por influência de Mário Fonseca, lê Rimbaud, Lautréamont, os surrealistas entre outros que marcariam sua obra futura.

Em 1981, publicou seu primeiro livro, **Poemas**; em 1990, **O Eleito do Sol** (novela); em 1999, **No Inferno** (romance); em 2006, **MITOgrafias**; em 2010, **O Poema, a Viagem, o Sonho**; em 2013 **O Brumário e Derivações do Brumário**; em 2014, **Sequelas do Brumário**; em 2015 **Fantasma e fantasias do Brumário**; e, em 2016, **Silvenius**, antologia

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
poética. Embora a obra do autor seja inicialmente impactada pelas questões sócio-políticas, sobressai uma dicção metaliterária de tom filosófico que, na maturidade, acentua o diálogo do poeta com grandes autores da literatura ocidental.

Dessa forma, a dicção engajada dos primeiros poemas cede lugar ao compromisso com a palavra, com aquilo que Blanchot denomina “solidão da obra” (BLANCHOT, 1987, p. 12), cuja ressonância se faz sentir principalmente nos livros **O Brumário** (2013a), **Derivações do Brumário** (2013b) e **Sequelas do Brumário** (2014), estudados mais detidamente no doutorado, e no livro, **Fantasma e Fantasias do Brumário** (2015).

A poesia de Arménio, no referido compromisso com a palavra, parece desenhar um movimento de recusa da sociedade de consumo que submete todos os setores à lógica do lucro. Nesse sentido, o eixo político-participante das primeiras publicações (que não desprezavam a preocupação estética) assume, ao silenciar as questões sociais e dar vazão a uma verve metalinguística, outro tipo de participação, como assevera Rancière, marcada pelo “disenso estético” (RANCIÈRE, 2012, p. 60).

A começar pelos títulos, os livros de Arménio Vieira, tomados como *corpus* da pesquisa, sugerem uma série ou uma continuidade que indica ainda certa unidade temática. Além disso, dois textos iniciais repetem-se nos livros **O Brumário** e **Derivações do Brumário: Prólogo e Prolegómeno**. O *Prólogo* constitui uma espécie de explicação para os livros subsequentes:

Este livro foi concebido pensando no seguinte:  
Se D. Quixote, em vez da senhora de Toboso,  
se apaixonasse por uma recolha de cantigas d’ amigo  
e com ela quisesse casar.  
Se em vez do rude Sancho, tomasse por secretário  
um jovem escritor, tal como Joyce, que teve Beckett ao  
dispor. Se em vez da lança escolhesse a pluma.  
Se em vez dos ásperos plainos da Mancha  
se aventurasse por lisas folhas de papel.  
se em vez dos gigantes e leões  
arrostasse as árduas consoantes e vogais.  
Por último, antecipando Borges,  
deixasse, à guisa de epitáfio:  
construí uma biblioteca,  
reinventando textos, com um zelo igual,  
senão maior, que o de quem os inventou.

Por definição, o prólogo entendido como tipo específico de texto, de acordo com Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes, “age como motivação de leitura, despertando expectativas e sugerindo estratégias de decodificação” (REIS; LOPES, 2011, p. 343). Nesse sentido, no poema de Arménio Vieira, destaca-se o dialogismo que se estabelece com o cânone da literatura ocidental moderna: Cervantes, Joyce, Beckett, Borges, alguns dos autores cuja referência torna-se recorrente ao longo dos demais poemas.

O texto de abertura do livro ainda se propõe como um jogo de adivinhação, pois instaura uma hipótese para a qual não há confirmação. Divisa-se nos versos uma tentativa de apreender o silêncio, o não dito das outras obras ou ainda de abarcar todas as possibilidades de composição das obras já escritas e da sua própria.

Sobressai no texto inicial uma força que equipara a leitura à paixão e, portanto, aponta para o desejo presente em todo ato de ler, desencadeador de um impulso para além da própria leitura/decodificação. Segundo Roland Barthes:

[...], a leitura é condutora do desejo de escrever. [...]. Nessa perspectiva a leitura é verdadeiramente uma produção: não mais de imagens interiores, de projeções, de fantasias, mas, literalmente, de trabalho: o produto (consumido) é devolvido em produção, em promessa, em desejo de produção, e a cadeia dos desejos começa a desenrolar-se, cada leitura valendo pela escritura que ela gera, até o infinito (BARTHES, 2004, p. 40).

O sentido da leitura como estímulo do desejo de escrever parece captado pelos versos do *Prólogo*, ao substituir o foco da paixão de D. Quixote, a senhora de Toboso, por textos, as cantigas de amor. Tal percepção intensifica-se pela sugestão de transformação da narrativa aventureira do Quixote:

Se em vez da lança escolhesse a pluma.  
Se em vez dos ásperos plainos da Mancha  
se aventurasse por lisas folhas de papel.  
se em vez dos gigantes e leões  
arrostasse as árduas consoantes e vogais.

(VIEIRA, 2013ab, p. 8)

Ocorre a substituição de afetos, espaços, armas e peripécias da personagem por folhas de papel, pela pena e, conseqüentemente, por palavras, “consoantes e vogais”; ou seja, dá-se o deslocamento do desejo.

Ao enumerar, ao lado dos elementos ficcionais, autores como Joyce, Beckett e Borges, aos quais as ações de D. Quixote são comparadas, propõe-se, como o faz o próprio Cervantes ao retratar os desvarios de sua personagem, a fluidificação das fronteiras entre a realidade e a ficção (“Se em vez do rude Sancho, tomasse por secretário/um jovem escritor, tal como Joyce, que teve Beckett ao/disor”). De maneira que Joyce, Beckett e Borges tornam-se tão ficcionais como o Quixote e/ou este se torna tão vivo/humano quanto aqueles autores o foram outrora. Portanto, percebe-se um duplo movimento de interpenetração entre realidade e ficção no qual não há hierarquia, mas fusão dos planos, como fica patente em, retomo os versos do *Prólogo*:

Por último, antecipando Borges,  
deixasse, à guisa de epitáfio:  
construí uma biblioteca,  
reinventando textos, com um zelo igual,  
senão maior, que o de quem os inventou.  
(VIEIRA, 2013ab, p. 8)

Ao remeter a textos já escritos, o poeta não se propõe a representar uma realidade objetiva, exterior, ao contrário, ocupa-se da representação da própria literatura ao reescrever os textos, numa espécie de jogo de espelhos, tal qual realiza Borges por meio da célebre personagem Pierre Menard, que também se dedicou à escrita do Quixote.

A coexistência de vozes de origens diversas em diálogo com os versos de Arménio Vieira é recorrente nos livros do autor. Assim, o sujeito lírico apresenta-se multifacetado e as referências do escritor podem funcionar como pistas ou chaves de leitura. O eu-poemático coloca-se ora como leitor, ora como autor. Nesse sentido, como as personagens do poema *Um sonho*, de Hermann Hesse, ocupa a um só tempo a função tanto daquele que percorre ávido as estantes da “biblioteca do Paraíso” quanto do arquivista que apaga e reescreve os títulos das lombadas dos livros, dando “a velhas questões as mais modernas refrações” (HESSE, 2007, p. 565; *e-book*).

Assim, a expressão condicional “se em vez de”, cinco vezes reiterada nos versos do *Prólogo*, que se repete nos livros **O Brumário** (2013a) e **Derivações do Brumário** (2013b),

Entretanto, se por um lado tal expressão impulsiona a imaginação para frente e recompõe a história, também promove o movimento contrário para trás ou para o fundo, pois aduz ao conceito de palimpsesto, processo de reutilização pelo apagamento e reaproveitamento de pergaminhos, cujas marcas do texto anterior não desapareciam por completo sob a nova escrita. Tal imagem é citada também por Borges, em **Pierre Menard o autor do Quixote** e foi apropriada por Gerard Genette (1982) para o estudo das relações intertextuais.

Isso remete a certa genealogia dos próprios textos, uma vez que indica, com frequência, claramente suas referências. Entretanto, mais que apontar para as referências, tal procedimento indica a percepção do caráter labiríntico e interminável da escrita literária, cuja leitura sempre convoca e remete a outros textos.

O referido caráter desejanste da leitura, apontado por Barthes, revela-se também no erotismo do poema *Soletrar com os dedos*:

Soletrar com os dedos  
É?

Passar somente  
A mão  
Pelo corpo  
De quem se quer?

Dedilhar  
O piano  
Como quem  
Desconhece as notas?

Ignorar  
A trama  
Que um livro  
Tece  
E, mesmo assim,  
Aceder à página?

Afagar  
O sexo  
Sem saber  
Se dói  
Ou não  
Um simples  
Beijo?

Talvez solete  
O tempo  
Quem  
O sente.

No entanto  
Como ler  
O que foge  
Ao pensamento?

(VIERA, 2013a, p. 117-118)

Nesses versos, a leitura esboça-se soletrada, vagarosa, como o ato de amor, envolto(a) em dúvidas que o corpo do texto materializa nas sucessivas interrogações. Assim, “o corpo que se quer” pode aludir à materialização do texto na página, ao livro e/ou ao corpo do outro e, como este, constitui-se como um mistério, um enigma cuja decifração depende de outros sentidos além da visão: a audição das letras ditas sucessivamente até formar a palavra e/ou o tato que descobre a aspereza ou suavidade de cada página, de cada pedaço, parte ou reentrância do corpo que se explora.

O tempo faz-se presente pela própria referência ao verbo “soletrar”, cuja ação indica a leitura lenta, por partes, de maneira que o ato de ler inaugura um tempo sentido “que foge ao pensamento” e é experimentado com prazer; nas palavras de Roland Barthes: “A leitura seria o gesto do corpo (é com o corpo, certamente, que se lê). [...] Na leitura todas as emoções do corpo estão presentes misturadas, enroladas: a fascinação, a vagância, a dor, a volúpia” (BARTHES, 2004, p. 33).

O primeiro texto, *Prólogo*, pelo teor aponta para a atividade leitora do autor – que, como o poema acima sugere, a percebe como um móbil para a própria escrita.

Desse modo, Arménio Vieira aciona diversos autores que se tornam personagens e adquirem certa força metafórica, uma vez que se ligam à forma como o próprio poeta compreende a literatura.

O poema *Ser Poeta*, do livro **O Brumário**, pode fornecer mais elementos a esse respeito.

*Ser poeta*

Sem descuidar do tempo  
Que os ponteiros gastam

Entre a débil consoante  
(Pela qual o navio  
Se faz ao mar)  
E a exausta vogal  
Com que termina  
A viagem  
Me dou ao ofício  
De escrever poesia

Qual se a aranha  
Alheia ao móbil  
Que faz tecer  
Em vez da presa  
Buscasse o verso  
Porventura a rosa  
Acaso o número  
Que tal nome oculta

(VIEIRA, 2013a, p. 91)

O tempo está no horizonte do ato de criação e o poema, como uma ampulheta, parece quantificá-lo a cada letra “entre a débil consoante” e “a exausta vogal”, ressaltando o caráter irrefreável dos ponteiros/areia. Assim, estabelece-se de maneira sutil a analogia entre a escrita e a vida equiparadas na imagem do navio, que, ao se “fazer ao mar”, metaforiza tanto a emergência do poema na página quanto o nascimento do ser para a vida. Dessa forma, também se divisa nos versos a morte, o fim da viagem numa exausta vogal. O ofício de escrever poesia preenche esse espaço entre a primeira consoante e a última vogal (“Ser” [...] “oculta”) e se incorpora ao eu-lírico como um instinto de sobrevivência, como na aranha ao tecer sua teia. Simone Caputo Gomes (2011, p. 46) alude a um processo de metamorfose do poeta em aranha.

Contudo, o alimento não é o móbil principal, mas a busca de um conhecimento que vai além do nome. “O número/que tal nome oculta” de maneira enigmática pode apontar para os conhecimentos milenares cabalísticos da Guimátria (ou Guemátria), método hermenêutico da Torá que atribui a cada letra do alfabeto hebraico um número, cuja soma revela o valor numérico de uma palavra, estabelecendo correspondências simbólicas entre palavras; e também pode indicar a fascinante *Sequência de Fibonacci* (que demonstra a repetição de padrões de formas em proporções perfeitas) representada numericamente pela fração 1,6180339887... que pode ser observada, por exemplo, na disposição das pétalas de uma rosa ou na forma circular das teias de certas espécies de aranha.



Logo, expressa-se nos versos um sentido de mistério que parece central para diversas indagações do poeta. Este sentido ecoa para além da última palavra do poema (oculta), devolvendo ao leitor o desconhecido. Blanchot indaga a respeito da relação entre a literatura e o mistério, expressando-se da seguinte forma:

por definição, não se pode mostrar o mistério; ora, não há literatura sem acompanhamento do mistério; de que modo abrir um caminho pela literatura e pela linguagem, para o que ronda a linguagem e habita a literatura? A resposta é uma fórmula matemática (BLANCHOT, 2011, p. 61).

Parece ser esta certa consciência da impossibilidade de expressar o mistério que fascina e motiva o poeta. O poema sem título, transcrito abaixo, reitera tal fascinação do poeta pelo mistério das coisas e, aparentemente, na falta da palavra exata, recorre ao número áureo:

1,618033987  
Que raio ou furacão  
Me trouxe este rol  
D'algarismos?

Por que desígnio  
Tal número  
Penetrou minhas persianas?

Quem sabe se tal série  
Que uma vírgula separa  
É o mágico número dos alquimistas  
Porventura a cifra divina?  
Ou se foi por via dela  
Que Satã criou um mundo  
Paralelo a este  
Acaso o incerto Inferno  
Quiçá o almejado Céu?

Será ela a chave  
Pela qual o Poeta  
Acede aos grandes livros  
Escrevendo-os todos  
Como se ninguém  
Os houvesse escrito?

Qual se Deus  
Empunhasse a pena

E por tal número ou signo  
Começasse a criar um mundo  
Acaso o mesmo onde Ele gerou  
Adão e o condenou

Porém, que de retorno  
Trouxesse o virginal instante  
De um rotundo Nada  
Pelo qual Ele se livrasse  
Do tremendo peso  
De haver escrito tudo  
De ter que ler a Si Mesmo

(VIEIRA, 2013a, p. 94-95)

A razão áurea abre o poema como elemento de inquietação que desencadeia a série de questionamentos a respeito da criação e do sentido do mistério. A chamada divina proporção tem sido utilizada nas artes para criar formas de grande harmonia estética, como indicam os versos da quarta estrofe, mesmo que pontuados pela interrogação. O poeta busca, fascinado, a chave para a criação absoluta, a alquimia da poesia, sem um antes ou depois.

Entretanto, o número misterioso também proporciona um momento de inversão ao levantar a hipótese de um Satã igualmente criador, inclusive do paraíso, não somente do inferno. Veja-se que tais “mundos paralelos”, na concepção do poeta, só podem ter sido criados pelo Diabo, agente desestabilizador da tranquilidade humana. A Deus, cabe a criação desse mundo e do homem, Adão, condenado pelo criador desde o nascimento. Tal aproximação e reversibilidade entre o princípio positivo (tradicionalmente identificado em Deus) e o negativo (atribuído ao Diabo) ressalta a ambivalência de tudo o que existe, incluindo-se aí a própria palavra e a poesia.

As últimas estrofes do poema ligam-se à percepção da literatura em sua autonomia, uma vez que a condenação de Adão se dá pela expulsão do paraíso assim como o autor é expulso da própria obra ao terminá-la, como indicam os versos finais do segundo texto<sup>4</sup> do livro **Sequelas do Brumário**:

Um punhado de textos, não mais do que isso, os quais  
eu tinha já destinado à fogueira (acautelando-me de virem  
a ter uma edição póstuma, alheia à minha vontade), um

---

<sup>4</sup>O referido texto aparece disposto antes das epígrafes e do sumário do livro, portanto torna-se difícil defini-lo como um poema. Contudo, no conjunto da obra do autor, é lícito afirmar que o caráter criativo e lúdico excede os limites tradicionais dos poemas.

punhado de textos, dizia eu, pediram-me que os revisse, e, caso o fizesse, que os editasse. Concordei.

Mas não sei se acrescentam algum *lemnisco* aos dois volumes recentemente lançados, se é que a estes se atribuiu alguma láurea. Posto isto, só me resta despedir-me.

Doravante o livro é teu. Serás tu a medi-lo.

(VIEIRA, 2014, p. 9)

Despedir-se à abertura do livro equivale a ausentar-se para dar lugar à obra e espaço ao leitor. Desse modo, os versos parecem entrar em consonância com a concepção teórica de Maurice Blanchot sobre a impossibilidade que condena o autor a jamais ler a própria obra:

A impossibilidade de ler é essa descoberta de que agora, no espaço aberto pela criação, já não há mais lugar para a criação – e, para o escritor, nenhuma possibilidade senão a de escrever sempre (BLANCHOT, 1987, p. 14).

O caráter interminável da escrita, que remete sempre aos processos de leitura, escrita e reescrita, pode ser expresso, como sugere Arménio Vieira, nos moldes da sequência infinita de retângulos áureos, cujos cantos unidos por um arco formam uma espiral, a forma de um furacão: “1,618033987/Que raio ou furacão/Me trouxe este rol/D’algarismos?”, diz o verso de Vieira.

Outros poemas reafirmam tal aspecto em versos como:

Porque não

Começar o verso

Pela pata

De um cão

Que uiva

E sangra?

Morrer

E voltar a nascer

Batendo sempre

A pedra

E o poema

Até que finde

O que não tem fim

De uma gota

De tinta

Extraír

Um rio,

Porventura

O mar

Reinventar

A flecha

E também

A roda

Com três

Grãos de areia

E uma colher

Na mão

Erguer

Um castelo

Até aos astros

Escrever

O poema

Que é

Só um

E jamais acaba

(VIEIRA, 2013a, p. 121-122).

Para concluir, posso dizer que é possível perceber, com isso, que a poética de Arménio Vieira se move na ânsia de certa captação do infinito pela menção ao ciclo de morte e renascimento da palavra que, capturada pelo poeta, é sempre provisória e está sempre em expansão. E ainda que os constantes diálogos que os versos revelam se dão, como denomina

CADERNO DE RESUMOS do 2º COEL - Colóquio de Estudos Literários - 2017 - ISSN: 2448-0908 ano 2, v.1.  
Antoine Compagnon, como gestos de recorte e colagem, que “são o modelo do jogo infantil” (2007, p. 11). Tal recurso aponta para outro elemento caro ao poeta cabo-verdiano: o jogo, aspecto que também abordo e desenvolvo na tese, mas que o tempo não permite que aqui o faça.

## REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. **O rumor da língua**. Trd. Mário Iaranjeira, 2.ed. São Paulo. Martins Fontes, 2004.

BLANCHOT, Maurice. **O espaço literário**. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro. Rocco, 1987.

BLANCHOT, Maurice. **A parte do jogo**. Trad. Maria Scherer. Rio de Janeiro. Rocco, 2011,

COMPAGNON, Antoine. **O trabalho de citação**. Trad. Cleonice Paes Barreto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

GENETTE, Gérard. **Palimpsestos: a literatura de segunda mão**. Trad. Cibele Braga et alii. Belo Horizonte: Viva Voz, 2010

GOMES, Aldónio. e CAVACAS, Fernanda. **Dicionário de autores de literaturas africanas de língua portuguesa**. 2. ed. Lisboa: Caminho, 1998.

GOMES, Simone Caputo. Arménio Vieira: aulas magnas de arte poética. In: **Mulemba**. Rio de Janeiro, v.1, n. 4, p. 44-55, jul, 2011. (2011, p. 46

HESSE, Hermann. **O jogo das contas de vidro**. Tradução de Lavínia Abranches Voitti e Flávio Vieira de Souza. Rio de Janeiro: BestBolso, 2007.

LABAN, Michel - **Cabo Verde**. Encontro com Escritores. 2 Vols. Porto: Fundação Eng. António de Almeida, 1992.

LOPES, José Vicente. **Cabo Verde: os bastidores da independência**. Praia-Mindelo: Instituto Camões; Centro Cultural Português, 1996.

RANCIÈRE, Jacques. Paradoxos da arte política. In: **O espectador emancipado**. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2012.

VIEIRA, Arménio. **O Brumário**. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2013a.

VIEIRA, Arménio. **Derivações do Brumário**. Praia: Biblioteca Nacional de Cabo Verde, 2013b.

VIEIRA, Arménio. **Sequelas do Brumário**. Lisboa: Rosa de Porcelana, 2014.  
2014.

**LILIPO**

Fotos do 2º COEL



O Grupo de Pesquisa: alguns dos professores, mestrandos e graduandos.



Mesa redonda com os professores palestrantes



Sessão de comunicação dos mestrandos



O auditório da UAB

